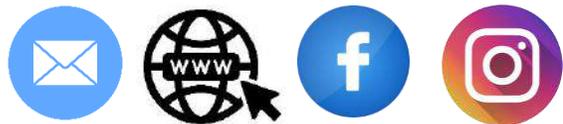


Esse documento faz parte do acervo do



e está sendo disponibilizado gratuitamente

Clique e fale com a gente



Entre em contato

Ajude no nosso  
trabalho

Seja um amigo da  
História de  
Americana

# 6 GEOGRAFIA DAS INDUSTRIAS

São Paulo, 1978

---

## FAÇONISMO: UM SISTEMA DE TRABALHO DA INDÚSTRIA TEXTIL — O EXEMPLO DE AMERICANA (\*)

João Antonio Rodrigues

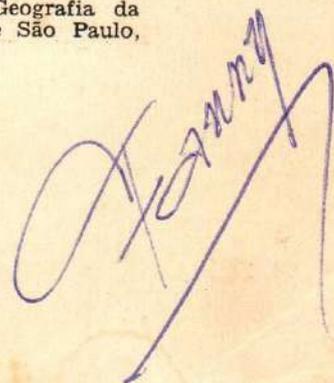
### OS MAIS IMPORTANTES CENTROS TÊXTEIS DO INTERIOR PAULISTA.

Desde muito tempo o Estado de São Paulo vem se destacando por sua posição invejável no setor industrial do país. Uma série de fatores, que vão desde o sucesso da lavoura cafeeira, a imigração, o potencial hidrelétrico, a formação de um mercado de mão-de-obra, o acúmulo de capitais nacionais, o afluxo de capitais estrangeiros e outros tão bem analisados por Pasquale Petrone (1953), Dirceu Lino de Mattos (1957) e Ignês Castro Barbosa (1968), foram responsáveis pela origem e expansão do parque industrial paulistano.

Como consequência do processo de expansão fabril que se instalara na capital e das ferrovias que se implantavam, não demorou muito para que houvesse um extravasamento das indústrias paulistanas, simultaneamente em direção ao

---

(\*) Síntese do trabalho de Mestrado, apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em maio de 1972 — (Orientador: Prof. Dr. Antonio Rocha Penteadó)



vale do Paraíba, servido desde 1877 pela C. E. F. São Paulo-Rio de Janeiro que logo mais se transformaria no ramal da E.F. Central do Brasil, regiões atravessadas pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que já em 1876 atingia a cidade de Rio Claro, Estrada de Ferro Sorocabana cujos trilhos em 1875 chegaram a Sorocaba e, em fase seguinte, para a Baixada Santista, servida por ferrovia desde 1868.

Surgiram, em poucos anos, nestas áreas, importantes centros industriais, favorecidos pela proximidade do centro propulsor da expansão industrial - S. Paulo - ligado àquelas por importantes eixos de circulação não só ferroviários como também rodoviários; a presença de uma mão-de-obra mais barata; uma certa iniciação de atividade industrial introduzida pelos imigrantes que aí se fixaram; "uma disponibilidade de energia elétrica; água, espaço (representados por terrenos mais baratos) e a mentalidade municipal voltada para a atração de investimentos industriais, graças a sucessivas leis de isenção de imposto e doações" (Davidovich, 1966, p. 330).

Como consequência da situação dramática em que se colocou a cultura algodoeira paulista ao se iniciar o último quartel do século XIX após ter a Inglaterra reconquistado o mercado norte-americano de abastecimento, que durante o período do conflito da Sucessão havia interrompido sua exportação, surgiram no Estado de São Paulo os primeiros estabelecimentos têxteis, a fim de dar consumo ao produto que perdia o mercado externo.

Favorecidos pela existência de abundante mão-de-obra, de energia elétrica (sobretudo a partir de 1901) e presença de capitais acumulados, provenientes da agricultura, as primeiras indústrias têxteis se instalaram junto às primitivas

fontes de matéria-prima, em alguns municípios do interior como Itú e Sorocaba (Schlesinger, 1950, p. 180) ou junto aos mercados consumidores, (notadamente na capital).

Esta situação de pioneirismo de tecelagem no setor industrial explica a importância da indústria têxtil ao se iniciar o século XX, posição que irá se firmar durante os conflitos de 1914-18 e 1939-45, quando as dificuldades de importação deram impulso ao setor industrial interno.

Posteriormente outros ramos industriais vieram se desenvolver dentro do complexo industrial paulistano, espalhando-se paulatinamente pelo interior e ofuscando parcialmente a posição industrial que o setor têxtil havia ocupado até então. Isto não impediu, entretanto, que a indústria têxtil continuasse a ter sua importância, principalmente porque fazia uso de uma grande mão-de-obra, quer na Grande São Paulo, quer nos muitos centros do interior, a ponto de em alguns destes últimos terem se tornado a base da arrecadação municipal que não possuindo outros setores concorrentes, tornaram-se conhecidos como centros mono-industriais têxteis, tais como Americana, Sorocaba, Salto e Itú (Canabrava, 1951, p. 285).

Em 1967, excetuando-se as indústrias de fitas, cadarços, galões e estopas, a situação da indústria têxtil no Estado de São Paulo era a seguinte:

	I	II	III	valor da produção (Cr\$)
Grande São Paulo	352	35.604	37.747	642.296.107,00
Interior	821	43.412	44.035	432.667.987,00
Estado	1.173	79.016	81.782	1.074.964.094,00

(I - número de estabelecimento; II - pessoal ocupado; III - operário no mês de maior atividade)

Constata-se pelos dados que 60% dos estabelecimentos espalham-se pelo interior, muito embora o valor da produção fosse inversamente proporcional (60% na Grande São Paulo) estando em relação direta com a maior modernização na indústria da Grande São Paulo, fato este que reflete na presença de grandes estabelecimentos e menor emprego de mão-de-obra.

Não se afastando muito do grande centro propulsor e consumidor que é São Paulo, a indústria têxtil se concentrou em menos de 14% dos municípios paulistas, num total de, 77 dos existentes em 1967.

Entre os municípios onde se desenvolveu a indústria têxtil, Americana ocupava um lugar de destaque, sendo este o principal fato que os levou a realizar o presente trabalho.

A análise dos dados referentes ao ano de 1967 identifica o município de Americana como o mais importante centro têxtil do interior paulista, não só em relação ao número de estabelecimento (48,84% do total do Estado), valor de produção, pois representa mais de 25% da produção estadual, mas principalmente em relação ao pessoal ocupado, por se tratar de um centro onde a automatização da produção ainda está em fase inicial.

Municípios	N.º de estabelecimentos	Valor da produção (Cr\$)
Americana	401	101.078.479,00
Sorocaba	83	82.378.529,00
Votorantin	23	35.400.758,00
Jundiaí	12	28.900.529,00
Salto	2	22.019.477,00
São Roque	3	14.588.203,00
Campinas	18	14.124.625,00
Taubaté	2	12.364.493,00
Piracicaba	1	10.273.761,00
Itatiba	6	9.927.092,00

Sta. Bárbara do Oeste	58	9.502.010,00
Guaratinguetá	1	7.075.013,00
Tatuí	3	6.625.734,00
Jacareí	4	5.928.479,00
Porto Feliz	1	5.729.417,00
Bragança Paulista	9	5.580.665,00
Rio Claro	4	4.900.914,00
Sumaré	33	3.671.923,00
Marília	4	3.596.686,00
Bauru	1	3.243.674,00
Itu	2	3.169.684,00
Leme	3	2.987.132,00
Descalvado	11	2.643.825,00
São João da Boa Vista	1	2.367.330,00
Nova Odessa	31	2.163.515,00
São Manuel	1	2.041.625,00
Atibaia	2	1.834.127,00
Itapetininga	1	1.764.451,00
Mococa	1	1.752.620,00
Indaiatuba	5	1.750.640,00
Amparo	6	1.741.780,00
São Carlos	1	1.731.000,00
Araras	2	1.286.658,00
Araraquara	1	1.140.488,00
Boituva	1	1.078.240,00
Lins	1	934.574,00
Pedreira	1	871.360,00
Cosmópolis	11	846.603,00
Cordeirópolis	3	545.989,00
Limeira	1	416.392,00
São José dos Campos	1	397.893,00
Gália	1	358.295,00
Valinhos	3	315.122,00
Monte Mor	1	225.943,00
Lorena	1	225.261,00
Cravinhos	1	207.006,00
Vinhedo	2	141.843,00
Capivari	4	134.748,00
Dourado	1	188.763,00
Artur Nogueira	4	109.373,00

Elias Fausto	6	99.754,00
Paulínea	5	95.925,00
Pirassununga	1	89.180,00
Porto Ferreira	1	66.215,00
Tietê	1	58.278,00
Raffard	3	53.067,00
Cerquilha	2	42.338,00
Aguaí	1	26.403,00
Itapira	1	7.762,00
Bananal	1	s/ dados
Batatais	1	s/ dados
Tremembé	1	s/ dados

No âmbito estadual, isto é, incluindo-se os municípios da Grande São Paulo, Americana era superada apenas pela capital paulista (São Paulo), cujo valor da produção no mesmo ano atingiu Cr\$ 520.815.182,00 (cartograma 1).

#### GRANDE SÃO PAULO

Municípios	N.º de estabelecimentos	Valor da produção (Cr\$)
São Paulo	301	520.815.182,00
Osasco	3	53.447.778,00
Santo André	15	25.448.773,00
Guarulhos	10	15.609.570,00
S. Bernardo do Campo	10	10.123.734,00
Mogi das Cruzes	2	6.694.715,00
Cotia	1	4.566.348,00
Susano	2	3.319.211,00
Itaquaquecetuba	1	3.077.202,00
Itapevi	1	1.996.782,00
São Caetano do Sul	3	1.720.261,00
Diadema	2	856.722,00
Ferraz de Vasconcelos	1	336.422,00
Jandira	1	s/ dados
Poá	1	s/ dados
Grande São Paulo	354	648.012.700,00
Americana	401	101.078.479,00

Se em valor de produção a tecelagem de Americana representava 1/5 da de São Paulo, em número de estabelecimentos ela era superior até mesmo à capital paulista, muito embora não possamos nos iludir com estes números absolutos (401 para Americana e 301 para São Paulo), pois a tecelagem de Americana se caracteriza pela predominância de pequenas indústrias: 56% com máximo de 10 operários; 31% com até 5 pessoas e 25% entre 6 a 10 operários, ao contrário da capital onde se concentram os maiores estabelecimentos têxteis de todo o país.

Confrontando-se com a Grande São Paulo, Americana representava 1/6 de sua produção, entretanto em relação ao número de estabelecimentos não era superada nem mesmo pelo conjunto dos 13 municípios têxteis da Grande São Paulo, uma vez que estes somam 322, contra os 401 de Americana.

Há ainda um aspecto que deve ser ressaltado nesta tentativa de mostrar a real posição de Americana no cenário têxtil do Estado. É o papel representado pela industrialização dos fios artificiais, muito especialmente o rayon, pois 373, dos seus estabelecimentos trabalham com esta matéria-prima, o que levou Americana a ser cognominada no final da década de 50 e início de 60 de "capital do rayon".

Em 1967 aproximadamente 23% do valor da produção de tecidos com fios artificiais do Estado de São Paulo (Cr\$ 384.608.776,00) foi produzido em Americana Cr\$ ..... 87.464.789,00) valor esse que corresponde a 64% do interior paulista (Cr\$ 137.694.655,00). Estes números se elevam ainda mais quando consideramos o número de estabelecimentos uma vez que concentra-se em Americana, aproximadamente, 55% daqueles que trabalham com fios artificiais no Estado, porcentagem esta que atinge 69,7% se considerarmos somente o interior.

**MUNICÍPIOS COM INDÚSTRIAS TÊXTEIS QUE  
UTILIZAM FIOS ARTIFICIAIS (1967)**

Municípios	N.º de estabelecimentos	Valor da produção (Cr\$)
São Paulo	136	233.284.402,00
Americana	373	87.464.789,00
Campinas	11	9.504.556,00
Itatiba	4	8.267.752,00
Sta. Bárbara do Oeste	49	7.914.472,00
Mogi das Cruzes	2	6.694.715,00
Porto Feliz	1	5.729.417,00
Guarulhos	2	3.976.287,00
Rio Claro	2	3.796.550,00
Susano	2	3.319.211,00
Sumaré	31	3.270.336,00
Marília	2	2.925.570,00
Nova Odessa	31	2.163.515,00
Itapevi	1	1.996.782,00
Mococa	1	1.752.620,00
Indaiatuba	2	1.750.640,00
Cosmópolis	5	814.783,00
S. Bernardo do Campo	4	646.724,00
Cordeirópolis	3	545.898,00
Valinhos	3	315.122,00
São Roque	1	266.721,00
Sorocaba	1	165.287,00
Bragança Paulista	1	122.000,00
Elias Fausto	6	99.759,00
Artur Nogueira	1	68.652,00
Paulínea	1	30.857,00
Capivari	1	18.713,00
<b>TOTAIS</b>	<b>677</b>	<b>384.608.776,00</b>

Bastaria a abordagem destes fatos para justificar nosso interesse em realizar uma pesquisa sobre a indústria têxtil daquele município. Entretanto, ao entrarmos em contato mais direto com o importante centro industrial, tomamos conhecimento de um outro aspecto, que, devido à sua origi-

nalidade, tornou-se o objetivo principal da pesquisa: o sistema de trabalho dominante entre os responsáveis pela evolução da rede de tecelagem da cidade, sistema esse que foi e continua ser a importante base do centro têxtil que aí se instalou — o **façonismo**.

A expressão a *façon* é de origem francesa, sendo assim definida: “a *façon*, se dit d'un travail exécuté sans journir les matériaux”. Derivado a expressão *façon*, o *façonismo* é, portanto, um sistema de trabalho correspondente à simples prestação de serviços, como bem o define A. Allix e A. Gilbert ao abordar este aspecto em volumosa e completa obra sobre **Geografia das indústrias têxteis**: “type industriel élémentaire est représenté par l'ouvrier à façon indépendant, travaillant chez lui avec un métier lui appartenant. Il a existé dès les temps les plus anciens, et il est encore universellement répandu. Il n'a guère à se préoccuper de trouver des matières premières et de chercher des débouchés, il loue son travail”. Allix - Gilbert, 1966, p. 67). Este sistema de trabalho foi muito utilizado na França, como também na Itália (onde ainda não desapareceu totalmente) encontrando-se hoje, principalmente, empregado em países subdesenvolvidos estando difundido no Brasil, de modo especial na cidade de Americana.

## O FAÇONISMO — ORIGEM E EVOLUÇÃO

Dois acontecimentos de suma importância marcaram, para Americana, o ano de 1873. O primeiro relacionado com a passagem da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais (atual Companhia Paulista de Estrada de Ferro), que avançando rumo às áreas cafeeiras que marchavam para o norte do Estado iniciou nesse ano a construção de uma estação em terras da antiga Fazenda Machadinho, pertencen-

tes na época ao Cap. Inácio Corrêa Pacheco, que deveria atender o município de Santa Bárbara, cuja sede encontrava-se distante nove km. desse local. O outro, foi a montagem de uma indústria de fiação e tecelagem de algodão pela firma Queiroz e Ralston, na Fazenda Salto Grande, a uns 1.000 metros do local escolhido para a construção da estação, a fim de aproveitar o algodão de boa qualidade produzido na redondeza.

Nunca se poderia imaginar que simples presença de uma estação pudesse trazer tamanha transformação para aquela área rural onde viviam em fazendas e sítios isolados, algumas famílias de imigrantes, entre os quais, americanos, que desgostos com a situação decorrente da Guerra de Secessão, deixaram os Estados Unidos para aqui iniciar vida nova.

A construção da estação provavelmente tenha sido mais importante para o aparecimento e desenvolvimento da cidade que a própria indústria de algodão instalada nas proximidades, uma vez que esta última sempre funcionou como uma propriedade fechada a ponto de criar um núcleo isolado posteriormente denominado Carioba, hoje integrado à cidade como um dos seus bairros urbanos.

A construção da ferrovia que se prolongou por vários anos propiciou o aparecimento de algumas casas comerciais (um bar, um armazém de secos e molhados, loja de armários, farmácia, etc.) o que levou alguns anos depois o Capitão Inácio Corrêa Pacheco, dono das terras vizinhas, a lotear e vendê-las, dando oportunidade de se construir novas casas e se iniciar aí um povoado.

Inaugurada a estação em 1875, pelo próprio imperador. D. Pedro II, o local tornou-se bastante movimentado pois servia aos moradores de Sta. Bárbara e Piracicaba em suas

viagens e em suas transações comerciais com a Capital, além de se tornar ponto de reunião dos lavradores da área vizinha, principalmente dos americanos que isolados em diferentes fazendas viam na estação o melhor local para trocar idéias com seus patrícios.

A frequência dos imigrantes americanos à estação destacava-se muito mais pelo seu linguajar do que pelo seu número, do que resultou a denominação popular de "Vila dos americanos" dada ao pequeno aglomerado que aí surgia. Esta denominação foi tão bem aceita, que em janeiro de 1900 foi oficializado o nome de Vila Americana, passando na mesma época a receber também este nome a antiga estação de Santa Bárbara, evitando-se desta maneira uma série de confusões que se fazia entre a antiga estação de Santa Bárbara e a sede do atual município de Santa Bárbara do Oeste que distava alguns kms.

Alguns anos depois, mais precisamente em 1904, Vila Americana se transforma em Distrito de Paz. Nessa época a Fábrica de Tecidos de Algodão, instalada em terras da Fazenda Salto Grande encontrava-se em mãos de uma firma inglesa denominada Rawlison Muller e Cia que foi adquirida em 1902 do Banco do Brasil que por sua vez dela se apossara através de uma ação de protesto sobre seus anteriores proprietários Jorge e Clement Willmont e outros, que a haviam batizado, em 1889, como Fábrica de Tecidos Carioba S/A. O nome Carioba surgiu do tupi-guarani que significa "pano branco".

Nas mãos de Rawlison Muller e Cia., a mesma se tornou a segunda grande indústria têxtil do país na época fazendo com que o bairro que recebeu o seu nome, Carioba, temporariamente tivesse uma importância maior que o próprio distrito de Vila Americana.

14

Dentro da mesma área de Carioba é fundada, em 1911, a Tecelagem de Seda da Carioba por Muller, Albert e Cia., indústria que mais tarde (1924) se transformou na Cia Leyen de Seda e que em 1935 passaria a ser denominada Fábrica de Fitas e Elásticos Quilombo S/A. Tanto a tecelagem de algodão como a de seda da Carioba, tiveram grande importância no desenvolvimento industrial que se processou na Vila Americana, principalmente por servirem de "escola" para muitos tecelões e futuros industriais que se instalaram no povoado.

O primeiro marco de indústria têxtil no povoado de Americana se deu com a fundação da indústria de fitas de seda instalada em 1921 por Jones, Schweizer e Cia., entretanto os primeiros teares para a produção de tecidos foram introduzidos somente em 1924 pelo Dr. Cícero Jones, médico, mas grande entusiasta da indústria, que veio a falecer no ano seguinte. A indústria por ele montada que possuía 12 teares suíços (marca Ruth), passou, após sua morte, para seus filhos, os irmãos Jones, que não tendo muita inclinação para o ramo industrial, levaram-na à falência. Permaneceu quase dois anos parada, quando então foi alugada a dois dos seus ex-operários Srs. Hetore Bover e João Pereira. Estes por falta de capital e iniciativa comercial não conseguiram dar continuidade aos trabalhos e a indústria permaneceu quase inativa até se associarem a um ex-contramestre da Tecelagem Ítalo-Brasileira (hoje Matarazzo) estabelecida em São Paulo que obtinha, na capital, através da firma Pavezzi a matéria-prima necessária, a qual era enviada em rolos prontos para Americana. Em certo momento as coisas começaram a correr mal para a firma Pavezzi e esta deixou de enviar matéria-prima, ficando os teares praticamente parados. Foi quando o Sr. Luíz Bertoldo, que era vendedor de fios de seda da Brasital e como tal visitava com frequên-

X cia Vila Americana para fazer suas vendas junto à Cia. Leyem - Tecelagem de Seda da Carioba, sabendo da existência desses 12 teares praticamente parados, entrou em contato com os irmãos Jones adquirindo-os. Deslocando-se para lá com sua família, conseguiu, junto à Tecelagem Ítalo-Brasileira, um acordo para trabalhar a matéria-prima da mesma recebendo pelo serviço prestado, sem necessidade, portanto, de emprego de capital. Era o início do sistema de trabalho hoje conhecido como **façonismo**. Durante dois anos trabalharam como façonistas da Ítalo-Brasileira, até que esta estando às portas de falência foi tomada pelo Banco do Brasil, que imediatamente suspendeu as cotas de feição. Por mais uns dois ou três meses a indústria dos Bertoldo e Cia. ainda trabalhou a feição, agora para um dos técnicos da Ítalo-Brasileira (Sr. Túlio Chaiber) que havia sido dispensado, mas que sabia como adquirir matéria-prima. A partir daí passou a comprar a matéria - prima necessária, industrializar e comercializá-la, transformando-se então em indústria autônoma com o nome de Tecelagem de Seda Santa Maria.

X Instalada à rua 30 de julho, quase esquina com a Ipiranga, a Tecelagem de Bertoldo e Cia., após relativa recuperação financeira, começou a incentivar o façonismo dando trabalho para alguns teares instalados em residências de operários da Carioba e mesmo de seus próprios empregados.

Por essa época (1929/30) o governo brasileiro colocou algumas dificuldades para a importação das máquinas industriais, resultando daí a instalação das primeiras indústrias de teares em São Paulo (Irmãos Ribeiro, Andreguetti e Coltro) oferecendo grandes facilidades para a compra. O pessoal ligado às indústrias já existentes (mestres e contra-mestres inicialmente) começaram a se interessar pelo trabalho em casa (fação) adquirindo seus próprios teares, pro-

curando não só a indústria dos Bertoldo, como também firmas comerciais estabelecidas em São Paulo, na rua 25 de março e proximidades, para "prestação de serviços". Desta maneira multiplicaram-se os estabelecimentos, a maioria trabalhando a feição, sendo que alguns permaneceram por longo tempo nesta condição, como é o caso de José Galassi que durante 26 anos foi feionista.

É justamente este tipo de indústria e suas implicações que nos propusemos estudar para verificar suas vantagens, desvantagens e sua participação no desenvolvimento industrial daquele que é um dos maiores centros industriais têxteis do interior paulista — AMERICANA.

Tudo leva a crer, através de depoimentos dos mais antigos moradores e pessoal ligado à indústria têxtil, que o trabalho a feição ou feionismo surgiu em Americana por acaso, muito embora haja controvérsias quanto à sua iniciação. O que nos parece certo é que não foi por influência direta de procedimentos em países estrangeiros, que tenha se iniciado este tipo de atividade industrial em Americana.

Falando sobre o início do feionismo na cidade, assim relatou um dos mais antigos e mais lúcido feionista por nós entrevistado: — "Os primeiros feionistas apareceram, por volta de 1927. Havia uma indústria, na cidade, de um tal Bertoldo e Cia., que ficou em situação de insolvência, comprando os fios em São Paulo para sua necessidade. Não podendo, em certo momento, pagar os fios comprados, passou a pagar com serviço, isto é, a firma da Capital mandava-lhe a matéria-prima, retirava posteriormente o tecido pronto e pagava o trabalho de tecer". Foi, portanto, meramente acidental a origem do processo de feição em Americana.

Judith Mac Knight Jones (1967, p. 407), falando a respeito da chegada dos primeiros teares para seda, chama atenção para a habilidade de um operário — Pedro Nardo que tendo trabalhado muitos anos na indústria de tecidos de algodão existente no bairro da Carioba, adquiriu para si um tear que com paciência e habilidade adaptou para trabalhar com seda, instalando-o em um dos cômodos da sua residência a fim de trabalhar em sua própria casa, nas horas vagas, para a própria firma da qual era operário — a Fábrica de Seda Jones Brothers e Cia., isto por volta de 1926/27.

A habilidade do operário americanense nos primeiros anos de instalação da indústria têxtil é mais de uma vez lembrada, pois segundo vários depoimentos, um outro operário Sr. José Castelani (contra - mestre) conseguiu por volta de 1929 montar em sua casa um tear de estrutura francesa, feito em sua maior parte de madeira pelo próprio operário, obtendo para experiência um rolo de 100 metros de fios fornecidos pela firma Bertoldo. Conseguindo bons resultados passou a trabalhar em sua própria casa "a feição". Outros teares foram instalados em cômodos das casas de moradia do operário, que os movimentava nas horas de folga, ou então eram movidos pela mulher ou filhos, permitindo um aumento compensador na renda familiar.

Ao se iniciar a década de 30 a indústria têxtil começou a se multiplicar, pois já eram vários operários (contra-mestre e tecelões) que, entusiasmados com a possibilidade de trabalhar em seu próprio tear, adquiriram uma ou duas máquinas, pagando-as a prestação, aproveitando as horas de folga e o auxílio da família para tecerem os fios fornecidos

pelas poucas indústrias autônomas da cidade ou, o que era mais comum, pelos comerciantes da zona atacadista de São Paulo rua 25 de março e ladeira Pôrto Geral.

José Galassi, Heitor Bover, Eugênio Cia., incluem-se entre esses pioneiros, ora trabalhando juntos, ora separadamente.

Como se pode constatar pela relação de plantas aprovadas pela Prefeitura para instalações industriais entre os anos de 1925/46, os anos de 1933, 1938 e 1945-46 foram muito importantes para a expansão industrial.

As indústrias de teares implantadas em São Paulo, tais como a Irmãos Ribeiro (1930) a Andregretti (1932) e Irmãos Coltro (1932) tornaram mais fácil a aquisição de máquinas para o trabalho a feição, muito embora predominasse a compra de teares usados.

Nesta época os irmãos Bertoldo (Teceragem Sta. Maria) já trabalhavam por conta própria e davam feição a várias pessoas. Em 1932 a firma entrou em concordata e passou para Vitor Albano que deu prosseguimento às atividades da indústria, dando feição a pequenas fábricas que já existiam, algumas até com 6 teares como era o caso de Ângelo Olivieri.

Pelas condições de instalação e vivendo na dependência de ofertas de serviço esse sistema de trabalho foi sempre bastante instável, passando suas máquinas, com muita frequência, de um para outro, sendo portanto difícil uma reconstituição da situação nas décadas de 1930 - 40. Podemos, entretanto, afirmar que a multiplicação dessas pequenas indústrias foi muito grande na época.

A relação das plantas aprovadas pela Prefeitura para as instalações industriais ou expansão das já existentes, no período de 1925 a 1946 e os dados obtidos junto às indústrias em funcionamento, considerando-se o fator instabilidade sempre presente, nos oferece elementos para acompanhar o constante crescimento e a importância desse tipo de indústria nos últimos 40 anos (gráfico n.º 1).

Os primeiros estabelecimentos a fiação não poderiam receber o nome de "indústria façonista", pois se limitavam a um ou dois teares, instalados em cômodos comuns da residência de um operário capacitado (mestre ou contra-mestre) da Indústria de Fiação e Tecelagem da Carioba, ou da Indústria de Seda. Estas máquinas eram movimentadas após o chefe de família ter encerrado o trabalho regular, ou seja, nas primeiras horas da noite. A matéria-prima era fornecida pela própria indústria onde trabalhavam e consistia em um rolo (urdume) pronto e de uma quantidade necessária de espulas já preparadas para servirem de trama. Este material era transportado na maioria das vezes em pequenas carrocinhas, carro de mão e até mesmo na trazeira de bicicleta, o que nos leva a crer que a produção não deveria ser muito grande. Entretanto com o passar do tempo, a mulher ou alguns filhos mais crescidos aprendiam a trabalhar no tear, o que permitia ampliar as horas de funcionamento da máquina.

O auxílio dado pela mulher levou alguns dos primeiros a instalar tear até na cozinha, possibilitando a mulher operar simultaneamente o tear e as panelas do fogão. Mesmo assim o rendimento era pequeno e portanto era demorada a cobertura do valor da máquina, a ponto de permitir a compra de outra. Após muitos meses de trabalho familiar instalava-se outro tear ainda dentro da própria casa. Quando, no en-

tanto, se conseguia um terceiro, era necessário transferir as máquinas para barracões ou telheiros construídos no quintal.

Alguns fezonistas, entusiasmados pela possibilidades de conseguir, em casa, rendimento igual ou superior ao que recebia na indústria, deixaram seus empregos e passaram a trabalhar integralmente com suas máquinas, auxiliados pela esposa ou filhos, dando início a uma pseudo-indústria. Adquiriam logo que pudessem uma espuladeira a fim de prepararem, eles mesmos, o material necessário para a trama e numa segunda fase, uma urdideira, máquina que o libertava parcialmente das indústrias autônomas da cidade, pois poderiam agora preparar o urdume e, conseqüentemente receber pedidos de serviços provenientes de indústrias de fora ou mesmo de comerciantes, que adquirindo grandes quantidades de fios, industrializava-os através dos serviços prestados pelos fezonistas.

Numa fase seguinte haveria possibilidade de ampliar o salão e o número de máquinas contratando alguns empregados, desempenhando o fezonista o papel de mestre e contra-mestre, e deixando para os familiares e empregados as demais funções (tecelão, espulatriz, urditriz, etc.).

Entretanto nem sempre o fezonista foi um experiente mestre ou contra-mestre. Alguns cidadãos possuidores de reservas financeiras, geralmente vindos da zona rural, embora nada entendendo do ramo têxtil adquiriram e instalaram algumas máquinas, contrataram empregados e passaram a desempenhar a função de indústrias trabalhando no mesmo sistema — prestação de serviços para terceiros, ou seja fezonismo.

X A princípio, o algodão era a matéria-prima utilizada, sendo a indústria de Carioba responsável pelo aparecimento dos primeiros façonistas, entretanto logo a seda tomou conta do mercado e se multiplicaram as "fabriquetas" alimentadas por umas poucas indústrias autônomas da cidade e por alguns comerciantes da capital paulista.

A rede façonista no período áureo da seda natural se concentrava nas ruas Carioba, Antônio Lobo e transversais, mas não ultrapassavam a duas ou três dezenas de pequenas fábricas, mesmo ao término da década de trinta.

O advento dos fios artificiais no Brasil (década 40/50) possibilitou um grande impulso na indústria têxtil de Americana e conseqüentemente a multiplicação dos façonistas.

A facilidade de trabalho com os fios artificiais, mais resistentes que o algodão e menos sujeitos a variações atmosféricas, e a maior procura dos tecidos com eles fabricados, graças ao preço mais baixo do mesmo em relação à seda, fez com que as indústrias imediatamente preferissem esse tipo de matéria-prima e se multiplicassem os estabelecimentos chegando à rede atual, cujo trabalho com fios artificiais é predominante.

**FATORES DE DESENVOLVIMENTO e MULTIPLICAÇÃO DA INDÚSTRIA FAÇONISTA** — Muitos fatores de ordem geográfica explicam o desenvolvimento de Americana como centro industrial (Troppmair, 1966, p. 68), mas em se tratando apenas do ramo façonista outros fatores devem ser considerados, principalmente para explicarem sua rápida multiplicação:

X 1 — A presença da Fábrica de Tecidos Carioba S. A. instalada na última década do século passado, à pequena distância do núcleo urbano em formação influiu, indiretamente, no aparecimento dos primeiros façonistas e na multiplicação destes. Indiretamente porque os primeiros façonistas e a grande maioria dos atuais foram empregados daquela indústria. Foi aí que os primeiros façonistas tomaram contato com o maquinário têxtil, conheceram os teares aprenderam neles trabalhar; como uma verdadeira “escola”, daí saíram os primeiros tecelões, mestres e contra-mestres, que se tornariam os pioneiros de façonismo (segunda década do século XX), aprendendo com facilidade trabalhar a seda natural que começava a ser o produto têxtil do momento. Muitos façonistas desligaram-se da indústria Carioba recentemente, quando a mesma passou por uma série de crises que culminaram com a interrupção parcial de suas atividades.

X Há ainda a se considerar o fato que a presença da grande indústria (na Carioba) atraiu para a então Vila Americana os interesses de grandes comerciantes da Capital, inicialmente voltados para os tecidos de algodão aí produzidos, depois pela seda, fabricada a princípio em fitas e posteriormente como tecidos. O contacto frequente de comerciantes, industriais e outros interessados com a Indústria Carioba, passando obrigatoriamente pela Vila que se desenvolvia, porque nela se localizava a estação da Companhia Paulista (na época a ferrovia era o meio de transporte preferido) tornou mais fácil a divulgação do centro industrial que aí se iniciava e o aproveitamento cada vez maior dos teares a fação que se multiplicavam;

2 — A instalação em Americana de algumas firmas autônomas de médio porte, ligadas à industrialização da seda, na segunda década deste século, cuja produção industrial era

insuficiente para a grande procura da época, deu oportunidade para que as “fabriquetas façonistas” encontrassem na própria Vila Americana o serviço que necessitavam para mover seus teares. À medida que surgiram novas indústrias autônomas ou se ampliavam as já existentes, aumentavam as oportunidades de trabalho para os façonistas, o que explica a sua multiplicação que se não chegava a ser em uma progressão geométrica, era reconhecidamente muito superior ao número de indústria autônomas que se instalavam, pois a própria instalação de uma destas últimas dava oportunidade para que duas ou três novas indústrias façonistas surgissem em função do trabalho a fação que provavelmente esta viria oferecer.

Por outro lado havia o interesse de alguns comerciantes paulistanos, principalmente os grandes atacadistas da rua 25 de Março e Ladeira Pôrto Geral, em oferecer serviços para industrialização.

Como fortes comerciantes podiam dispor de um suficiente capital de giro e utilizando-se de cotas de “indústrias fantasmas”, ou mesmo adquirindo os fios no câmbio negro, de indústrias que possuíam cotas superiores ao seu consumo, contratavam os serviços de manufaturação.

Produziam desta maneira os tipos de tecidos e padronagens que mais lhes conviesse segundo os interesses, de momento, do mercado consumidor. Tudo isto sem necessidade de se preocupar com empregados e suas implicações de lei, manutenção das máquinas etc., graças à facilidade de comunicação com Americana, muito bem servida pela ferrovia e onde a mão-de-obra abundante e barata permita uma especulação maior dando oportunidade a grande margem de lucros;



3 — A relativa facilidade de obtenção de máquinas oferecidas pelas indústrias pioneiras de fabricação de teares, que se instalaram na capital paulista por volta de 1930, quando as autoridades governamentais impuseram restrições para a importação, indústrias estas que ofereciam grandes vantagens no financiamento das máquinas, o que não era sempre possível quando importadas, dando chance para que alguns mestres e contra-mestres se aventurassem na nova atividade e adquirissem um ou dois teares.

Em 1946, quando já Americana despontava como importante centro têxtil surge na própria cidade uma indústria de teares (NARDINI) que produzindo máquinas similares às das grandes fábricas da Capital e às importadas, deu um impulso ainda maior na instalação de novas indústrias e ampliação das já existentes.

A estes fatos, relacionados com a produção das máquinas, liga-se o da instalação, em Americana, de importantes indústrias de fiação que passaram a alimentar localmente as tecelagens autônomas e que indiretamente beneficiavam as façonistas. Sem nos esquecermos que já existia uma antiga fiação de algodão (a Fábrica da Carioba), duas importantes fiações de algodão vieram a ser instaladas na década de 50 — a Toyobo e a Nishibo, ambas de capital misto (nipo-brasileiras) utilizando-se das mais modernas máquinas, cuja produção se destina, em parte às indústrias da cidade (mais de 50% da produção da Toyobo e 20% da Nichibo é consumida pelas tecelagens de Americana) sendo o restante consumido especialmente pela Grande São Paulo.

Entretanto foi a instalação da Fiação Brasileira de Rayon Ltda. (FIBRA), criada por um grupo de industriais da cidade, em fins de 1949, que logo no ano seguinte se ligou a SNIA

VISCOSA com sede na Itália (Milão), a grande responsável pelo definitivo impulso em termos de alimentação de matéria-prima.

Graças à SNIA, a Fiação Brasileira de Rayon obteve o necessário financiamento, a imputação de maquinário, o "know how" e os primeiros técnicos especializados, podendo iniciar em dezembro de 1954 a produção de rayon em filamento, utilizando-se de matéria-prima importada dos Estados Unidos e do Canadá. No ano seguinte passou a produzir o fiocco (fibras cortadas de rayon) aproveitando matéria-prima 100% nacional. Em 1966/67 sua produção anual superava 1.300.000 kg. de rayon e 2.360.000 kg. de fiocco, atingindo em 1970 a 2.771.000 kg. de rayon e 6.308.000 kg. de fiocco.

Muito bem aceitos no mercado, pois além de produzirem novos tipos de tecidos eram mais fáceis de serem trabalhados que o algodão, os fios artificiais deram à Americana dois títulos dos mais significativos "a capital do rayon" e "a princesa tecelã". Atualmente as indústrias da cidade consomem 15% da produção da FIBRA, que inclusive é hoje exportada para diversos países;

4 — A recente automatização da indústria têxtil iniciada nos grandes centros, principalmente na capital do Estado, acelerou a multiplicação destes estabelecimentos façonistas em Americana, graças às facilidades oferecidas por aquelas indústrias em renovação na venda dos seus teares usados, muitos já obsoletos. Estabeleceram-se firmas que passaram a comprar e recuperar os velhos teares vendendo-os por preços razoáveis e com facilidades para pagamento. Tornou-se um fato comum a chegada quase diária de caminhões transportando máquinas têxteis, principalmente teares, atingindo,



segundo voz corrente na cidade, média anual de 500 a 800 teares, que imediatamente eram absorvidos por indústrias (autônomas ou não) já existentes ou por outras que se instalavam.

Criava-se uma corrente comercial — a entrada de novos teares e instalação de indústrias autônomas resultava na ampliação da rede façonista, porque o mercado de trabalho se ampliava, pois as máquinas substituídas eram oferecidas com enormes facilidades de pagamento aos pequenos façonistas ou àqueles que pretendessem nela se iniciar.

Outras vezes era o próprio façonista que adquiria as máquinas diretamente de São Paulo ou de cidades do interior onde se iniciava a remodelação ou automatização. Com o aumento das máquinas tornou-se frequente a divisão da indústria entre membros da família para escapar a certas exigências da lei. Tudo isto implicava em uma multiplicação de setor e uma participação maior da indústria façonista na paisagem urbana.

Também a tradição familiar daqueles que se ligaram ao ramo têxtil é outro importante fator para explicar a sua multiplicação. Os filhos ao atingirem a maioridade e principalmente após o casamento, acostumados àquele tipo de atividade, eram inclinados a montar sua própria fábrica;

5 — Americana foi sempre bem servida de energia elétrica. O município possui duas usinas geradoras: uma hidrelétrica localizada em Salto Grande, alimentada pelas águas do represamento do rio Atibaia, com produção de 45.000 kw, cujas atividades se iniciaram em 1911 e a segunda, uma termo-elétrica instalada no bairro rural de São Jerônimo, com produção de 30.000 kw, ambas integrando o sistema conjunto da Cia. Paulista de Força e Luz.

O consumo energético total do município aumentou nos últimos 20 anos 11,4 vezes enquanto que o consumo industrial atingiu 13,3. Em 1950 o consumo industrial correspondia a 61,5% do total do município, atingindo este consumo em 1970 o percentual de 73,86%, o que demonstra o contínuo desenvolvimento industrial.

Considerando-se que as indústrias não pertencentes ao ramo têxtil são poucas e que entre as primeiras apenas três são de fiação, estes dados podem comprovar o grande desenvolvimento da tecelagem.

Notamos uma diminuição de consumo em 1965, reflexo da crise política de 1964 que provocou uma retração do setor industrial têxtil, afetando, como sempre, muito especialmente a indústria façonista, como se pode verificar no gráfico. Entretanto já no ano seguinte o ritmo industrial foi retomado;

6 — A própria legislação incentivou a multiplicação destas indústrias, pois até há alguns anos atrás (1966) vigorava a lei estadual 6.055 (de 28/02/61), segundo a qual as indústrias têxteis com menos de 25 teares estavam isentas de imposto de transação. Isto levava a divisão em família, de indústrias que tivessem possibilidades de ultrapassar esse limite ao se expandirem. Essas indústrias podiam se manter num mesmo prédio, embora formassem firmas distintas;

7 — Há quase se considerar que a mão-de-obra, apesar de pouco especializada, foi sempre abundante, tendo as indústrias façonistas muita facilidade para encontrar empregados. Pagando um pouco menos que as indústrias autônomas, as indústrias façonistas arrebanham os novos operários, ainda em fase de aprendizagem dos processos e técnicas de fabricação dando trabalho para grande número de menores a começar pelos membros da próprio família;

8 — Entre outros fatores a instalação nos últimos anos de firmas autônomas, algumas com capitais da própria cidade e outras transferidas, particularmente da Grande São Paulo, com o objetivo de aproveitar a mão-de-obra aí existente, ampliou as possibilidades dos façonistas, o que justifica a grande multiplicação destas depois de 1962 e muito especialmente em 1966. Em 1965 instalaram-se 14 indústrias autônomas e como consequência em 1966 surgiram 47 de fação;

9 — A melhoria dos meios de transportes, principalmente o grande desenvolvimento rodoviário foi outro fator que favoreceu a multiplicação façonista. Necessitando manter constantes relações com a indústria autônoma ou com os comerciantes da capital que lhes dão serviço, o transporte rodoviário, feito de domicílio a domicílio, facilitou o recebimento da matéria-prima e o encaminhamento do produto industrializado. Não exigindo a indústria façonista capital de giro, muitas famílias puderam dela participar desde que obtivessem rendimentos correspondentes àqueles que receberiam como empregados.

Junte-se a todos estes fatores o senso de poupança, do qual é dotado o grande número de famílias ligadas ao façomismo, que permitiu a rápida amortização do valor das máquinas adquiridas.

O FAÇONISTA - é o proprietário de uma indústria têxtil, que não dispende de suficiente capital de giro, presta serviços de mão-de-obra mecanizada a terceiros.

Pode-se dizer que é um assalariado com nome de industrial, pois depende do trabalho que lhe é oferecido por grandes indústrias ou comerciantes de grandes centros.

Ele possui praticamente as mesmas obrigações de um empregado, entretanto, caem sobre si todos os encargos de um industrial.

Não exigindo grande capital, para sua iniciação, uma vez que, teoricamente, a partir do momento que adquire um tear já pode produzir tecidos, a classe dos façonistas tornou-se bastante numerosa e sacrificada. Como um verdadeiro escravo do pagamento das máquinas, trabalha de 12 a 15 horas por dia, quando as crises e consequentes cortes de serviço não afetam sua indústria.

Faz parte de uma classe heterogênea não só quanto ao aspecto sócio-econômico, mas também quanto à origem étnica, à formação intelectual e vários outros aspectos que se refletem nos múltiplos tipos de indústria a serem examinadas adiante.

Quanto à nacionalidade, são na grande maioria descendentes de ítalo-brasileiros.

Existe uma acentuada equivalência entre os troncos brasileiros e italianos e uma não confirmação do papel que se quer dar aos americanos no desenvolvimento têxtil de Americana, especialmente no caso do façonismo.

A participação dos italianos é explicada pela concentração destes no interior paulista durante o período áureo do café, tendo sido também os primeiros a procurar os centros urbanos quando o café começou a perder sua importância na área. Sendo elevado o número de lavradores que vieram se tornar façonistas, explica-se porque entre eles é tão significativa a porcentagem de descendentes de italianos.

Quase 2/3 dos atuais façonistas (64,8%) estavam ligados à indústria têxtil antes de se tornarem "patrões".

Em geral eram tecelões, que recebendo baixos salários, tinham necessidade de ampliar sua fonte de renda. Aventuraram-se, então, com muito sacrifício, a comprar alguns teares para obter, através de serviços extras, no seu próprio domicílio, subsídios para sua manutenção; depois destes aparecem os contra-mestres, que mais experientes do que os tecelões, obtiveram sucesso ainda mais rápido. Curiosamente, o terceiro elemento entre os que se tornaram façonistas constituía-se de lavradores, que descrentes dos resultados agrícolas venderam suas terras ou as arrendaram empregando as economias na montagem de uma pequena indústria de tecidos, tendo, nesse caso, necessidade de iniciar com empregados para, aos poucos, ele e seus familiares, aprenderem o manuseio das máquinas.

A grande maioria saltou bruscamente da posição de empregado para patrão, muito embora poucos tenham deixado de imediato suas atividades anteriores exercendo-as simultaneamente.

As relações entre o façonista e seus operários foram sempre muito mais amistosas que aquelas que se registram nas grandes indústrias autônomas (Vieira, 1968, pp. 291-292), isto se deve não só ao fato de trabalharem lado a lado, mas também por ser muito frequentes as relações de parentesco entre o patrão e seus auxiliares (14,4%).

Pelas atividades praticadas anteriormente é fácil se compreender que culturalmente o façonista é, com raras exceções, um "industrial" despreparado, o que justifica a falta de

visão, a desconfiança e a desunião da classe, a ponto de desconhecer a força que tem em suas mãos, como classe bastante representativa.

Muito embora sejam “industriais” grande porcentagem destes não apresentam uma situação sócio-econômica muito acima do operariado comum. Convém lembrar, entretanto, que o operariado de Americana, de modo geral, apresenta bons níveis de vencimentos, pois trabalhando na base de participação sobre a produção, conseguem obter elevados salários. Além desse aspecto, deve-se ressaltar ainda a elevada renda familiar do operariado têxtil americanense, uma vez que o grande número de industriais têxteis da cidade (cerca de 600, ao todo, segundo levantamento em 1971, pelo Sindicato das Indústrias Têxteis) oferece amplo mercado de trabalho, até mesmo aos menores (entre 12 a 18 anos).

A quase totalidade dos façonistas possui residência própria (89%) e razoavelmente equipada com eletro-domésticos — geladeira (95%) televisão (92%), máquina de lavar (53%), aspirador de pó (29%), o que revela um bom nível de vida. Dos poucos que vivem em casa alugada, boa parte já foi proprietário, mas preferiu dispor da residência para se aventurar numa ampliação da indústria.

Poucos são os que não possuem condução própria — automóvel, camioneta, ou, o que é mais comum, peruas do tipo Kombi, preferidas por servirem a dupla finalidade: durante a semana na faina industrial e nos sábados, domingos e feriados para o lazer com a família.

Se a quase totalidade dos façonistas não possui formação além do curso primário, seus filhos já recebem instrução melhor, frequentando os estabelecimentos de curso médio, ge-

ralmente no período noturno, pois durante o dia colaboram na indústria. Muitos já estão encaminhando seus filhos para o curso universitário, fato que logicamente provocará, a médio prazo, uma mudança de mentalidade destes pseudo-industriais, quando a nova geração assumir a direção das indústrias, como é de se esperar.

**PARTICIPAÇÃO DO FAÇONISMO** — A participação da indústria façonista em Americana tem sido tão grande que não se pode falar da cidade sem que se dê o real destaque a esta atividade.

Na própria paisagem urbana se reflete o papel e a importância do façonismo. Seus estabelecimentos não se destacam, com algumas poucas exceções, pela imponência dos seus edifícios, ou pela característica industrial de suas fachadas, porque na verdade a grande maioria se espalha em acanhados e rústicos barracões, ou velhos edifícios que subdivididos acomodam quase sempre mais do que um estabelecimento.

Entretanto mais do que os grandes estabelecimentos autônomos são os de feição que despertam a atenção dos que chegam àquela cidade pela atividade ininterrupta de entrada de materiais (grandes rolos — os urdumes, caixas com fios para a preparo de espulas, com as próprias espulas já preparadas quando não se dispõe de urdideiras), saída de grande quantidade de peças de tecido, geralmente “pano cru”, transportadas em caminhões, caminhonetes, kombis e até em carrocinhas com um só animal e rodas pneumáticas.

A maioria dos estabelecimentos tem suas portas abertas diretamente para o passeio. A contínua entrada da matéria-prima geralmente pela manhã e saída do produto industria-

lizado à tarde — pois poucos são os que possuem espaço suficiente para estocá-los, sendo obrigados a manterem constante contato com as indústrias que lhes oferecem serviços — dá a impressão de uma atividade ainda maior destes estabelecimentos façonistas.

O característico barulho dos teares em movimento é muito maior diante das firmas façonistas, principalmente quando ao longo de um mesmo passeio se alinham vários pequenos estabelecimentos, do que à frente de uma grande indústria têxtil autônoma, uma vez que, quando instaladas em prédios novos, se encontram isoladas do passeio por jardins e obrigatórios recuos possuindo edificações mais sólidas que suavizam o barulho interno, exatamente ao contrário dos façonistas, que acomodados em estreitos salões, têm suas portas abertas diretamente para a rua. Podem inclusive dar a errônea impressão de grandes estabelecimentos, quando se alinham cinco ou seis firmas, pelo exagerado barulho provocado pelas máquinas.

Observamos que há uma grande diversidade de estabelecimentos façonistas, variando no número e tipos de máquinas, no material que produz, no número de pessoal empregado, mas principalmente no tipo de edificação que ocupa.

Há aqueles que parecem estar escondidos devido ao fato de suas máquinas encontrarem-se instaladas em barracões ou ranchos de fundo de quintal, ligados à rua através de corredores laterais da residência que fica à frente, passagens que, às vészes, são tão acanhadas que se tornam insuficientes para a circulação de veículos.

Outros ocupam pequenas garagens, colocando durante o dia em frente de sua única porta (de aço elevadiça), um tapume ou biombo para vedar o seu interior, havendo entre-

tanto aqueles que não colocam nada por ser a porta a única entrada de luz natural não existindo nem mesmo janelas laterais e necessitando inclusive trabalhar com as luzes acesas em pleno dia.

Também ocupam velhas moradias, as quais com algumas adaptações internas podem abrigar um ou mais estabelecimentos. Nestes casos o único indício da presença das indústrias é o barulho característico das máquinas em movimento pois a fachada externa continua ser a de uma residência comum.

É bem verdade que encontramos também fezonistas funcionando em estabelecimentos apropriados, que embora pequenos, têm recursos e instalações semelhantes às grandes indústrias, inclusive o escritório, mas o seu número é ainda insignificante.

É muito comum na área mais central e nos bairros de grande concentração industrial a presença de grandes edificações (velhos depósitos ou imensos barracões intencionalmente construídos para tal fim), os quais são subdivididos por paredes improvisadas, de acordo com o interesse do arrendatário em colocar maior ou menor número de máquinas abrigando várias empresas. Em alguns casos dispensa-se até a divisão interna funcionando em um só salão máquinas de diferentes firmas.

Há ainda, embora mais raros, caso de fezonistas cujas máquinas estão acomodadas em um canto do salão de um estabelecimento autônomo e aqueles que por terem se ampliado em diferentes períodos, passaram a ocupar vários salões, podendo haver ou não, ligações internas entre eles.

Outras acomodações diferentes seriam possíveis de reconhecer-se até chegarmos aos estabelecimentos, que muito embora trabalhem no sistema de feição, têm instalações mais completas à maneira dos estabelecimentos autônomos — grande edifício, prédio próprio, centenas de teares de diferentes tipos, várias urdideiras, espuladeiras, seção de engomagem, tinturaria, seção de contabilidade, diretoria administrativa, etc. O melhor exemplo é a indústria Jacyra Ltda., à rua Anhanguera, no bairro da Conserva.

É evidente que a maior parte dos estabelecimentos (68,4%) ocupam prédios alugados, principalmente os que estão instalados nas áreas mais tradicionais.

Somadas as áreas ocupadas pelos estabelecimentos feionistas totaliza-se o correspondente a um terço da ocupada pela indústria têxtil (70.056 dos 224.392 m<sup>2</sup>).

Dos estabelecimentos feionistas, 83% possuíam menos de 300 m<sup>2</sup>, sendo que 31,5% ocupavam áreas inferiores a 100 m<sup>2</sup>, dados que são suficientes para se compreender a participação desta indústria na paisagem urbana.

É ao longo da rua Carioba e transversais que encontramos a concentração maior de estabelecimentos ocupando áreas inferiores a 100 m<sup>2</sup>, justamente por ser aí um dos trechos mais antigos ligado à tecelagem, onde velhos estabelecimentos e depósitos foram aproveitados para abrigar centenas de teares feionistas. Outra área onde aparece grande número destes pequenos estabelecimentos, representados geralmente por um pequeno cômodo ou porção de salão subdividido, é na Vila Redher, na sua porção mais setentrional.

Quanto aos estabelecimentos de 101 a 300 m<sup>2</sup> e mais, é um pouco mais difícil encontrar-se uma explicação para sua distribuição tão irregular, entretanto acreditamos que os novos bairros em expansão tendem a atrair os estabelecimentos maiores, pois aí os terrenos e aluguéis são mais baratos. O Jardim São Paulo que até agora só possui estabelecimentos maiores nos parece ser um bom exemplo.

Examinada a distribuição dos estabelecimentos façonistas é possível reconhecer-se uma grande concentração, quase contínua, no baixo Cordenonsi, na Vila Redher e Vila Jones em direção a Piracicaba (zona oeste) e outra na Vila Gallo, Sta. Catarina e Conserva na direção de Nova Odessa (zona sul).

Nada menos que 106 quarteirões da cidade possuíam estabelecimentos façonistas. Destes 106 quarteirões, 61 são exclusivamente ocupados por indústrias façonistas e outros 14, muito embora possuam indústrias autônomas, mais de 50% de suas áreas ocupadas por indústrias têxteis são de façonistas.

Os bairros de Cordenonsi e Vila Redher reunidos concentram mais de um terço dos estabelecimentos, mas não é em nenhum destes que encontramos o quarteirão mais ocupado por indústrias façonistas. Este se localiza na área central, próximo à estação ferroviária, na quadra formada pelas ruas Carioba, Francisco Manuel, Almeida Júnior e a própria ferrovia, onde se localizam 16 estabelecimentos.

Os estabelecimentos mais afastados da área central são encontrados no bairro São Manuel e S. Vito, próximo à Via Anhanguera, na Bela Vista e Jardim São Paulo, que, apesar de serem bairros bastantes novos, têm a tendência de atrair

novos estabelecimentos como consequência da saturação de imóveis com fins industriais nas áreas centrais e bairros mais antigos, pesando muito também o valor dos terrenos, das construções e mesmo dos aluguéis exigidos.

Como o serviço de feição é muito instável, não prendendo com exclusividade e nem por muito tempo o feionista a determinada indústria autônoma, a presença dessas últimas não justificam a concentração das primeiras ao seu redor.

Sem ser muito evidente, nota-se que os estabelecimentos mais centrais ocupam áreas predominantemente alugadas, enquanto que os estabelecimentos alojados em prédios próprios estão mais distribuídos pelos bairros onde o feionista tem sua residência e pode construir um salão para a indústria nos fundos ou no terreno ao lado.

A importância e participação do feionismo na indústria têxtil de Americana também pode ser medida pela análise de sua maquinaria.

Um exame atento da distribuição dos teares particularmente da rede feionista, nos mostra que os bairros localizados na porção norte, em relação ao centro da cidade, são os que reúnem o maior percentual de teares identificando-se com facilidade a Vila Redher e a área próxima ao núcleo central margeando a ferrovia.

Dos 106 quarteirões que tinham indústrias feionistas, 27 possuíam, na ocasião, mais de 50 teares, sendo que destes, 17 se enquadravam entre os que tinham de 50 a 100; 8 entre 101 e 200 e 2 com mais de 200 teares. Estes dois últimos reuniam 204 teares no quarteirão entre as ruas Carioba, Francisco Manuel, Almeida Júnior e a ferrovia e 250 no quar-

teirão localizado no Bairro da Conserva, entre as ruas Anhanguera, Bororós, Tibiriçá e Coroados. Contrastando com esses de maior concentração de máquinas, 3 dos 106 quarteirões continham apenas 4 teares.

Se nos ativermos em analisar os tipos de teares, de acordo com a largura em pentes, que se reflete na largura máxima da peça do tecido, constataremos que existe uma predominância de teares do tipo médio com até 1,30 m. Estes representam 50,22% da totalidade de teares que compõem a indústria façonista, seguidos dos de 1,60 m (34,02%) e dos pequenos com máximo de 1,00 m. de pentes (7,8%). Os teares grandes (largura de pente de 1,80 m.) representam 7,8%. Além de serem na quase totalidade teares do tipo mecânico, são em geral máquinas velhas, desgastadas, mesmo obsoletas, que chegam a ser anti-econômicas, exigindo uma grande mão de obra.

Desde a entrada dos 12 primeiros teares, introduzidos pelo Dr. Cícero Jones, em 1924, até hoje tivemos uma entrada contínua e sempre crescente de máquinas. Sem considerarmos alguns poucos teares transferidos da Fábrica de Tecidos Carioba, que adaptados funcionaram no início do façonismo, foram os provenientes da capital, alguns franceses, outros suíços e mesmo japoneses que deram início à grande concentração que hoje ultrapassa mais de 10.000.

Poucos dos façonistas por nós entrevistados responderam satisfatoriamente a questão sobre o ano de fabricação dos seus teares. A maioria informou serem muito antigos, mas não sabem a data de fabricação, pois já os compraram usados, tendo passado por várias mãos e mesmo por não se preocuparem com a idade da máquina desde que ela pro-

duza normalmente. Dos questionados, 27% afirmaram que seus teares eram de fabricação entre 1940-50 e 8% eram anteriores a 1930.

A habilidade mecânica dos mestres e contra-mestres é responsável pelo funcionamento tão prolongado destas máquinas sendo que muitas delas possuem apenas a carcaça ou base original tendo tudo sido trocado ou adaptado.

Esta é uma das razões que explicam as deficiências de qualidade do tecido produzido por grande parte destas indústrias, com a consciência das próprias tecelagens autônomas e dos que oferecem serviço, visando produzir tecidos de segunda qualidade, mas de preços inferiores para servirem classes e regiões menos favorecidas.

Como consequência desta situação além da existência de várias casas de venda de peças e teares usados instalarem-se em Americana várias oficinas (apesar da maioria dos façonistas saberem cuidar eles mesmos de suas máquinas), filiais de importantes indústrias de teares para a necessária assistência, principalmente na troca de peças e até mesmo uma fábrica local de teares (Nardini S/A).

Muito embora esta situação de uso de máquinas antigas seja tão generalizada há que se considerar alguns poucos estabelecimentos façonistas bem melhor equipados, inclusive entrando na década de 70 com teares semi-automáticos e automáticos e conseqüentemente produzindo tecidos melhores e obtendo maiores rendimentos. Acredita-se mesmo que ao contrário do que se previa — um desaparecimento da indústria façonista com o desenvolvimento tecnológico, venha a surgir um tipo diferente de indústria façonista, não de máquinas obsoletas e tecidos de segunda categoria, mas de máquinas automáticas produzindo tecidos de boa qualidade.

As **espuladeiras**, máquinas complementares das indústrias têxteis, não se distribuem necessariamente na mesma ordem dos teares. Variam de indústria para indústria, no número de máquinas, e principalmente no número de fusos, visto que as máquinas apresentam número diferente de fusos conforme a marca, modelo, etc., havendo inclusive indústrias que não as possuem. Poucas são as que possuem mais de uma espuladeira, sendo caso excepcional o da indústria Jacyra Ltda., que possuía 209, ou seja 30% das que se encontravam em poder do façonismo, o que provoca um desequilíbrio na distribuição espacial, destacando o bairro da Conserva mesmo em relação à Cordenensi, Vila Redher e Centro que concentram o maior número de indústrias façonistas.

Dos 106 quarteirões que possuem indústrias façonistas, oitenta e quatro tinham apenas de 1 a 5 espuladeiras, treze de 20 espuladeiras. No total, a rede façonista reúne 631 espuladeiras das 1.449 existentes na cidade e um total de 6.942 dos 14.597 fusos, ou seja, 40,70%.

Ocupando espaço maior nos salões, já bastante reduzidos das indústrias a feção, não aparecem em grande número as **urdideiras**, cuja função é preparar o urdume ou rolo dos fios paralelos, que através dos pontes vão dar passagem à espula com os fios de trama. Apenas 45% das indústrias façonistas possuíam estas máquinas, totalizando 182 das 471 urdideiras existentes na cidade, o que corresponde a 38,64%.

Localizam-se principalmente nas zonas têxteis mais tradicionais (Cordenensi e Vila Redher) sendo que a maior concentração por quarteirões encontrava-se entre Carioba, Francisco Manuel, Almeida Júnior e a ferrovia num total de 19 máquinas.

**Participação na mão-de-obra** — A participação do feiçõnismo no oferecimento de mercado de trabalho à população de Americana é outro fator que reflete a importância desta atividade na vida da cidade e desenvolvimento do município.

As indústrias feiçonistas absorvem 20,8% do operariado americanense, elevando-se esta porcentagem para 33,7% quando se considera apenas o setor têxtil (tecelagem).

Pode-se reconhecer um certo equilíbrio entre os bairros industriais feiçonistas e os residenciais, não só pelo confronto dos cartogramas, mas também pelas distâncias a serem percorridas pelos operários ao se dirigirem de suas moradias aos estabelecimentos de trabalho.

Entretanto alguns poucos bairros de classe média e baixa se comportam, se não exclusivamente residenciais, pelo menos muito mais residenciais que industriais. É o caso do Jardim São Paulo, que já bastante ocupado, possui apenas 4 indústrias feiçonistas que se utilizam de apenas 37 operários que representam 1,8% do operariado feiçonista da cidade, mas que abriga 5,9% desse mesmo operariado que aí mantem suas residências trabalhando em outros bairros. Caso mais extremo é o do bairro São Domingos, que muito embora concentre 7,1% do operariado ligado à indústria feiçonista não possuía um só estabelecimento. Além destes dois, que já são bastante urbanizados, alguns outros mais novos, menos povoados e mais afastados, como o Jardim Ipiranga, a Cidade Jardim e o Dainese se comportam apenas como residências pois a industrialização ainda não os havia atingido.

Devido à proximidade do local de trabalho a bicicleta é o veículo mais utilizado para o transporte de operários entre sua moradia e a indústria (23,0%), muito embora o

sítio urbano não seja tão favorável. O deslocamento a pé, rumo ao trabalho, é predominante (73,2%), fato este, que associado ao uso de bicicleta é responsável por inusitado movimento nas ruas durante as primeiras horas da manhã, quando os operários se encaminham para o trabalho, na metade do dia — horário de almoço, pois residindo próximo, a esmagadora maioria prefere fazer a refeição em casa — e no final da tarde, quando retornam às suas casas.

#### Meios de locomoção para o trabalho

A pé .....	73,2%
Bicicleta .....	23,0%
Ônibus .....	1,7%
Motoneta .....	1,3%
Peruas .....	0,3%
Outra condução .....	0,1%

Outro aspecto ligado aos operários das indústrias façonistas é que a maioria é procedente de outros municípios (54,4%), atraídos pelo grande desenvolvimento industrial de Americana nos últimos vinte anos, o que propiciava mercado de trabalho para os chefes de família e seus filhos. Esta migração foi sempre crescente, havendo, entretanto, alguns períodos de aceleração - 1948/51, 1954/55 e especialmente 1960/64 destacando-se o ano de 1962, que registrou a maior entrada no município de elementos que se tornaram operários nas indústrias façonistas.

A procedência desses operários é muito variada. Muitos procedem de municípios vizinhos, como: Limeira, Piracicaba, Santa Bárbara do Oeste, Rio Claro e Campinas, onde, muitos deles, pertenciam à famílias já ligadas à indústria têxtil. Outros provêm de São Paulo (de onde veio um número considerável) e de demais municípios paulistas,

não havendo, nestes casos, relação muito íntima entre as atividades que exerciam anteriormente e a atividade industrial que passaram a praticar em Americana. Constatou-se que apenas 2,9% dos operários tinham tido antes alguma experiência com tecelagem, sendo estes justamente aqueles provenientes de municípios mais próximos.

Dos municípios não paulistas, aparecem com importância alguns do sudoeste mineiro, como Andradas, Alfenas, Poços de Caldas, especialmente o primeiro, o mesmo ocorrendo com Londrina, no Paraná.

Como o operariado da indústria façonista é na maior parte bastante jovem, muitos ao chegarem em Americana com suas famílias não tinham ainda idade de trabalho, o que nos levou a inventariar a profissão dos pais a fim de constatar até onde existiam relações entre os focos de migração e o papel de Americana como centro têxtil.

Constatou-se mais uma vez não existir grandes relações pois apenas 9,6% dos pais dos atuais operários tinham atividade ligadas à tecelagem, sendo ainda necessário considerar que muitos deles, possivelmente a maioria, iniciaram esta atividade na própria cidade de Americana.

#### Profissão dos pais dos operários façonistas

Profissão	%
Lavradores	50,8
tecelões	9,6
comerciantes	8,7
pedreiros	4,4
industriais	4,3
outros	22,2
	<hr/> 100,0

Verifica-se que mais da metade dos chefes de família eram lavradores que deixaram a zona rural de diferentes municípios a procura de Americana, participando do êxodo rural que se acentuou nos últimos 20 anos visando encontrar colocação de trabalho a seus filhos, inclusive do sexo feminino, que são muito bem aceitos em atividades têxteis.

Constatou-se que o operariado, na sua grande maioria, iniciou-se em Americana, especialmente nas indústrias façonistas, onde a porcentagem de menores e aprendizes é muito superior ao das indústrias autônomas, mais exigentes e sob uma fiscalização mais rigorosa.

O predomínio da mão de obra feminina nas atividades têxteis é uma norma geral, por se tratar de indústria considerada leve. Entretanto a indústria façonista de Americana foge a esta regra, já que 63,2% de seus operários são do sexo masculino.

Isto é consequência da falta de mercado de trabalho para os homens por ser Americana um centro mono-industrial, entretanto esta situação deverá mudar na presente década na medida que novos tipos de indústrias se instalem no município e que se amplie a automatização têxtil.

Outro aspecto de realce é tratar-se de um operariado jovem uma vez que 32,5% tem a idade máxima de 20 anos, isto sem se considerar os operários que não informaram a idade podendo se prever que a maioria destes sejam menores, razão pela qual talvez deixaram de dar informação. Se a esta faixa reunirmos a imediatamente superior (entre 21 a 25 anos) teremos 51,3%, ou seja, mais da metade do operariado.

Existe uma retração na faixa dos 21-25 anos do sexo masculino em relação às imediatamente inferior e superior, cuja explicação pode ser encontrada em uma série de fatos: ao atingirem a maioridade muitos deixam a cidade em busca de grande centros, principalmente São Paulo; outros procurando total independência preferem lançar-se a negócios particulares, acrescentando-se ainda o fato de ser um período em que muitos jovens são engajados no serviço militar.

**Funções do operariado** — É a função de tecelão que predomina entre o operariado (61,2%), o que é evidente, pois os teares são as máquinas mais importantes e as que existem em maior número nesses estabelecimentos. Dependendo da perícia do operário e da condição das máquinas, um tecelão pode manejar até 8 teares. Em ordem decrescente seguem as funções de esputatriz (15,6%), que apesar de manter nome feminino, não é função exclusiva de mulheres. Esta função é geralmente exercida por iniciantes (aprendizes) ou menores de idade pois não requer muitos predicados. Devido ao fato de ser reduzido o número de máquinas e por exigir experiência, paciência e muita responsabilidade, as urditrizes aparecem em porcentagem bem menor (6,4%). É a elas que cabe a tarefa de transformar os fios que chegam acondicionados em bobinas conicais ou meadas emurdu-mes ou rolos de fios paralelos, dos quais dependerá o trançamento dos fios da trama (acondicionados nas espulas). Contra-mestres, aprendizes de tecelões, torcetrizes, mestres e outros aparecem em porcentagem menor.

Há ainda que se considerar que o façonista, na maioria das vezes desempenha dupla função em seus estabelecimentos, como patrão ele é industrial, entretanto desenvolve trabalhos normais de um operário, quase sempre acumulando funções de contra-mestre e tecelão.

**Participação na produção** — O importante papel desempenhado pela indústria façonista, como não poderia deixar de ser, não está apenas na área ocupada do espaço urbano, no número de máquinas que concentra, no mercado de trabalho que oferece, mas também na elevada participação na produção de tecidos de qualidade, o que diretamente na arrecadação do município.

Dados colhidos em 1967 revelam que no ano anterior mais de um terço da produção de tecidos da cidade saíram das indústrias façonistas (cartograma 2, com a respectiva distribuição espacial).

Com base no levantamento que realizamos recentemente foi possível constatar que aproximadamente 50% dos tecidos da cidade saem da indústria façonista.

Porém não só é alta a participação em relação ao total produzido em tecidos, mas também pela grande variedade de produtos que saem dos seus estabelecimentos. Estando na dependência de muitas indústrias autônomas e de comerciantes que oferecem os mais variados serviços, impondo suas condições e exigências, é a indústria façonista muitas vezes mais heterogênea que as autônomas no que se refere aos padrões de produtos.

#### TIPOLOGIA DAS INDÚSTRIAS DE AMERICANA

Analisando-se os diferentes aspectos (maquinário, pessoal ligado à produção, prédio que ocupa) é possível reconhecer diferentes tipos de indústrias façonistas.

Se considerarmos a indústria façonista apenas quanto ao **maquinário** utilizado, poderíamos identificar cinco classes:

1) **indústriais que somente possuem teares** — partindo do pressuposto que a produção de tecido exige apenas um tipo de máquina — o tear — é possível encontrarmos indústrias que não possuam outras máquinas senão teares. Logicamente são estas as que mais dependem das indústrias autônomas, delas recebendo o material totalmente preparado. Na sua totalidade estão ligadas às indústriais da cidade, comportando-se como apêndices das mesmas. Existiam 17 indústrias nestas condições, representando 6,39% da rede façonistas;

2) **indústrias que possuem teares e espuladeiras** — mais completas que as primeiras, elas mesmas podem preparar parte da matéria-prima (a trama) mas dependem muito ainda das indústrias autônomas que lhes fornecem o urdume. Estas quando possuem clientes não industriais necessitam recorrer a outras indústrias a fim de preparar o urdume, reduzindo conseqüentemente sua margem de rentabilidade. Enquadram-se neste tipo um número bastante grande, ou seja, 102 firmas, o que corresponde a 38,34% do total. É geralmente a falta de espaço a razão principal que justifica a falta de urdideiras;

3) **indústriais com teares, espuladeiras e urdideiras** — são sem dúvida as mais completas e por isso disputam os melhores preços de manufaturaçãõ; são as mais independentes podendo trabalhar tanto para indústrias locais, de outros centros, ou para comerciantes que apenas disponham de matéria-prima. Têm completas seções de preparação (urdideiras e espuladeiras) e de manufaturaçãõ (teares). Correspondem à maioria das indústrias façonistas (143), ou seja 53,76% do total;

4) **indústrias com teares e urdideiras** — são mais raras, pois a situação não é muito lógica, entretanto encontramos três destes casos, sendo geralmente firmas que se instalaram para fins de preparação de urdumes e, com o intuito de aproveitar espaço disponível em seu salão, anexaram alguns teares;

5) **indústrias completas com setores de preparação, manufatura e acabamento** — também é caso excepcional, pois se tratam de grandes firmas que, devidamente equipadas, preferem trabalhar na produção a feição, mas que têm acabamento próprio (engomagem, estamparia e tinturaria) não só para o acabamento dos tecidos que produzem, mas para atender à esmagadora maioria de indústrias têxteis da cidade (façonistas e autônomos) que não possuem setor de acabamento. Este é o caso da Tecelagem Jacyra Ltda., que muito embora se enquadre entre as façonistas é uma das maiores indústrias da cidade, não só em área ocupada (12.000 m<sup>2</sup> de área construída), em pessoal, em número de máquinas e produção.

Deixando de lado o maquinário e considerando-se o **pessoal de produção (empregados)** poderíamos falar também em alguns tipos bastante distintos de indústrias façonistas

1) **indústria na qual o façonista trabalha praticamente sozinho** — casos bastante raros em 1966-67 e que hoje praticamente deixaram de existir por ter se tornado anti-econômico. Na verdade o façonista era auxiliado por alguns aprendizes menores, na maioria das vezes seus familiares. Possuindo geralmente apenas teares e em número inferior a três, eles não necessitavam de muita ajuda. Seu rendimento era, entretanto, muito limitado, correspondendo praticamente ao que recebia um tecelão comum como empregado. Foram encontrados 6 casos deste tipo;

2) **a indústria possui até 5 auxiliares** — geralmente representados pela esposa, filhos e alguns aprendizes menores. Este tipo corresponde a um elevado número de empresas, ou seja 123, representando 46,24% da rede façonista;

3) **a indústria possui de 6 a 15 empregados** — possuindo geralmente grande número de teares, espuladeiras e urdideiras, necessitando de alguns tecelões, pelo menos uma urditriz e alguns aprendizes que movimentam as espuladeiras. É o tipo mais generalizado, com 125 indústrias correspondendo a 46,95% do total dos façonistas.

Pode-se concluir que a grande maioria das indústrias façonistas se enquadram nestes dois últimos casos, ou seja, 92,19% das firmas possuem de 1 a 15 empregados;

4) **indústrias com grande número de empregados (16 a 50)** — que podem ser chamadas de grandes indústrias, em se tratando de indústrias façonistas, possuindo um razoável número de máquinas (mais de 24 teares, várias espuladeiras). Estas indústrias são bastante sólidas e estão a um passo da autonomia. Representam percentualmente 4,09% num total de 11 estabelecimentos.

5) **indústrias com mais de 100 empregados** — é o caso excepcional da Tecelagem Jacyra Ltda., que reúne, somente no setor de preparação e produção 100 tecelões, 18 espuladeiras, 12 contra-mestres, 7 mestres, 7 urditrizes e 5 lissatrizes.

Quanto ao **prédio ocupado**, podemos dividir as indústrias em quatro categorias, sendo possível e até aconselhável subdividi-los em próprios e alugados, ressaltando desde já

um problemas mais cruciais que a classe enfrenta — falta de condições financeiras para aquisição de seu próprio prédio:

1) **indústrias que ocupam menos de 50 m<sup>2</sup>** — por incrível que pareça 40 indústrias, ou seja 13,15% se comprimiam em tão reduzido espaço, sendo que 35 delas ocupavam salões alugados. Dessas, apenas duas possuíam urdideiras, enquanto que as restantes resumiam seu maquinário a pequenas espuladeiras e teares em número nunca superior a 8, devido, entre outros fatores, à exiguidade de espaço;

2) **indústrias, ocupando área entre 51 a 200 m<sup>2</sup>** — representam os tipos mais comuns, num total de 113 estabelecimentos, correspondendo a 42,85% do total. Destas, 79 ocupam prédios alugados;

3) **indústrias com área de 201 a 1.000 m<sup>2</sup>** — possuindo grandes edificações, contam-se 108, o que representa um percentual de 40,60% sobre o total. Destas, 77 ocupam prédios próprios e 31 alugados;

4) **indústrias que ocupam mais de 1.000 m<sup>2</sup>** — são poucas, apenas 5, representando só 1,8% dos estabelecimentos faonistas, sendo que apenas duas ocupam prédios alugados.

Como consequência da ocupação de espaços reduzidos (56 % com menos de 200 m<sup>2</sup>) as máquinas são colocadas muito próximas uma das outras, sendo que as maiores, como as urdideiras, são de difícil acomodação, o que explica seu pequeno número.

Outro aspecto que ressalta nesta análise é a elevada porcentagem de estabelecimentos alugados (72,55%).

Após a análise dos diferentes aspectos que caracterizam as indústrias feçonistas, pode-se chegar a uma **síntese final**, identificando-se os seguintes tipos:

1 — **pequenas indústrias familiares** — caracterizadas pelo reduzido número de máquinas, geralmente teares e pequenas espuladeiras, ocupando com maior frequência salões ou barracões no fundo da moradia ou parte de um grande salão onde se reúnem várias firmas, nelas trabalhando, com poucas exceções, exclusivamente membros da família;

2 — **pequenas indústrias** — que diferem das primeiras apenas no que se refere aos empregados que, embora em número reduzido, não pertencem à família;

3 — **indústrias médias** — constituem o tipo mais comum, pois somam 214 estabelecimentos (80,45%) ocupando salões não muito grandes, com 100 a 300 m<sup>2</sup>. Na sua maioria (173 dos 214) o número de teares é sempre superior a 6 e não a 24, com uma média de empregados que se aproxima de uma dezena;

4 — **grandes indústrias feçonistas** — se destacam pelo número de máquinas, sempre superior a 24 teares chegando à casa dos 70, sendo, entretanto todos eles do tipo mecânico, além de possuírem quase sempre mais de uma espuladeira, em geral do tipo automático, e uma ou mais urdideiras.

Seu maquinário concentra-se em grande salões ou se distribui por vários salões menores interligados por várias passagens, conquistados em momentos diferentes. Embora sendo mais comum o salão alugado, já é bastante alta a porcentagem dos que possuem seus prédios próprios (36%).

São estas as mais bem equipadas em máquinas e acessórios, estando capacitados a produzir uma variedade maior de artigos, inclusive os de melhor qualidade o que lhes dá uma maior estabilidade.

Trabalham para vários clientes possuindo maior segurança, obtendo trabalho contínuo e podendo manter um melhor padrão de operários. Ao contrário, das pequenas e médias indústrias que fazem toda sua contabilidade através dos estabelecimentos contábeis da cidade, estas possuem seus próprios escritórios.

**5 — indústrias façonistas com teares automáticos —** muito embora nenhuma ainda seja totalmente equipada com teares automáticos, algumas já possuem parte de seus teares automatizados estando em condições de produzir tecidos bem mais perfeitos e, por essa razão, não tendo dificuldades para encontrar mercado de trabalho. São as indústrias façonistas em expansão, que se encontram mais próximas da autonomia, só não o fazendo porque não lhes interessa, por ora, a autonomia total já que condições não lhes faltam. Preferem empregar o capital na constante renovação de acessórios e ampliação do maquinário.

Seus operários são os mais bem pagos, pois ganhando por produção têm oportunidades maiores que os das médias e pequenas indústrias. São estas que produzem os tecidos de maior rentabilidade, como a helanca, tirelene e o tergal. Não se fazendo distinção entre as grandes indústrias (mais de 24 teares) elas representam 14,28% entre as façonistas.

#### **PROBLEMAS DA INDÚSTRIA FAÇONISTA**

— Tendo surgido e se desenvolvido sem a necessária base, a indústria façonista foi sempre en-

volvuda por uma série de problemas, problemas estes que se ampliam à medida que as empresas se multiplicam e a tecnologia se torna mais avançada: grande concorrência entre os próprios façonistas, obsolência de maquinário, inesperados "cortes" da produção, falta de crédito para ampliação e modernização da indústria, inexistência de contratos entre o fornecedor e o industrial, ação dos intermediários, falta de prédios, além de outros problemas, que embora sendo de caráter geral para o setor industrial, afetam mais diretamente o façoniismo (pagamento de elevados aluguéis, reajuste de vencimentos, encargos tributários, escrituração e outros) o que praticamente explica a instabilidade deste sistema industrial.

1 — A medida que se multiplicam as indústrias façonistas, as indústrias autônomas e os comerciantes dos grandes centros que delas se servem, aproveitam a ocasião para uma maior especulação no oferecimento de seus serviços. Receoso de ficar sem trabalho e não poder dar cumprimento aos compromissos assumidos ao adquirir máquinas e ao contratar auxiliares, sem falar no necessário sustento de sua família, o façonista se torna joguete nas mãos dos seus fornecedores.

Para a maior parte dos façonistas o momento mais crítico é quando ocorrem as crises e consequentes "cortes" de serviços porque alguns, para evitar o colapso da indústria, sujeitam-se a pagamentos mínimos em prejuízo de toda a classe. Este problema parece ter amplidão universal, em se tratando deste ramo, pois A. Allix e A. Gilbert (1956, p. 91) assim se expressam ao se referir ao mesmo: "vendeurs de travail pur et simple en dehors de toute organization syndicale ou autre, assure une main-d'oeuvre peu exigeante, travaillant, on temps de crise, à des salaires proprement avilis".

Entre os façonistas das pequenas indústrias a concorrência é mais local, pois não podendo pleitear melhores serviços fora da cidade, por não estarem devidamente credenciados, ficam a mercê das indústrias autônomas.

Em outro nível, há a concorrência dos façonistas médios e grandes, que estando devidamente equipados, pleiteam serviços de maior rentabilidade entre as grandes casas comerciais ou indústrias, localizadas em São Paulo, Rio de Janeiro e centros de reconhecida importância no setor de confecções, como Blumenau, Joinville e outros.

Enquanto no primeiro caso, o façonista da pequena indústria corre de estabelecimento em estabelecimento (autônomo) oferecendo seus serviços, no segundo caso, ele procura diretamente as grandes casas comerciais e as indústrias de confecções, fazendo demonstração dos artigos já produzidos em momentos anteriores, graças às boas máquinas que possui e ao devido equipamento em acessórios, podendo alguns poucos oferecer criações exclusivas acompanhadas de orçamento completo referente ao tipo e quantidade de matéria-prima necessária, gastos com acabamento, etc..

Tão importante é esta luta pelo mercado, que os façonistas geralmente utilizam-se de códigos para identificar seus clientes e manter o sigilo indispensável perante seus concorrentes.

2 — A idade do maquinário, conforme já analisamos é outro problema para os façonistas, pois com exceção de uns poucos estabelecimentos, suas máquinas dão rendimentos parciais, sendo submetidos a constantes reparos. É um problema quase generalizado das pequenas e médias indústrias têxteis do interior (Vieira, 1965, p. 452) mas que se vê agravado entre os façonistas.

3 — Qualquer oscilação negativa no mercado consumidor de tecido provoca sérias crises que afetam, de imediato, os façonistas. Havendo necessidade de se restringir imediatamente a produção, as indústrias autônomas reduzem o fornecimento da matéria-prima para os façonistas usando vários argumentos, cujo mais comum é atribuir às fiações a restrição do abastecimento da matéria-prima. Se o corte não é total no princípio, poderá ser posteriormente com o agravamento da crise. Isto implica na diminuição de horas de trabalho e no número de teares em ação, conseqüentemente na dispensa de operários, podendo chegar a um colapso total da indústria.

Enquanto que para o industrial autônomo a crise consiste em um corte puro e simples da matéria-prima, para os façonistas ela apresenta um quadro dramático, pois não há amparo legal que obrigue o fornecedor a continuar dando serviço, enquanto que o façonista tem todos os encargos industriais intransferíveis, como: pagamento dos operários, recolhimento do INPS, possível pagamento das parcelas de imposto de renda, aluguel de salão quando não é o proprietário, 13.º salário no mês de dezembro, férias remuneradas aos operários, férias essas que só ele não tem.

É justamente nos momentos de crise que a concorrência se torna maior, daí se sujeitar a trabalhar a preços aviltantes, como já foi abordado.

Se o façonista foi cauteloso, tendo feito poupança nos momentos de melhor produção, poderá suportar a situação por alguns meses, entretanto poucos são os que se preparam para estas ocasiões.

Estas crises afetam não só o façonista, mas também, como é óbvio, os operários, que impossibilitados de trabalhar maior número de horas têm reduzidos seus vencimentos, atingindo indiretamente centenas e até milhares de pessoas, criando um grave problema sócio-econômico que repercute em todos setores da cidade.

Isto justifica a necessidade das melhores firmas façonistas oferecerem bons salários aos operários, para evitar que procurem se transferir para as indústrias autônomas, onde as crises afetam com menor intensidade, oferecendo, portanto, mais segurança aos operários.

Felizmente essas crises que oscilavam muito no passado, trazendo consequências tão drásticas, diminuíram nos últimos cinco anos. Atualmente obedecem a um ritmo moderado, durante o ano, devido às oscilações do mercado consumidor relacionado que está com a variação da moda, a inconstância das estações climáticas, etc., não chegando a crises, mas apenas retrações momentâneas de produção.

Como o lucro do façonista é limitado, sua conta bancária apresenta baixo saldo médio, o que torna difícil grandes empréstimos. Não tendo sua firma personalidade jurídica, a não ser que penhore suas máquinas, o que não é possível na maior parte das vezes, porque estão vinculadas a um pagamento que ainda se encontra em andamento, o façonista fica impossibilitado de obter crédito necessário para se equipar melhor e poder pleitear serviços de maior rentabilidade, necessitando quase sempre recorrer a empréstimos de curto prazo (30 a 90 dias), o que não resolve definitivamente seus problemas.

4 — Não há garantia de trabalho contínuo, pois não existem contratos escritos entre o façonista e os fornecedores de matéria-prima e sim acordo verbal, através do qual o fornecedor se compromete a enviar uma determinada quantidade de matéria-prima, que deverá ser transformada em tecidos e devolvida em igual peso. O pagamento do serviço é feito por metros, de acordo com cálculos realizado considerando-se o número de batidas ou seja a quantidade dos fios de trama por cm<sup>2</sup>.

5 — A ação dos chamados intermediários que percorrem as firmas comerciais e de confecções e posteriormente oferecem o trabalho aos façonistas, ganhando elevadas taxas por lotes, em prejuízo dos que realmente produzem, é outro problema que a indústria enfrenta. Profundos conhecedores deste sistema de trabalho e muito bem relacionados com lojistas e casas de confecções, estes intermediários conseguem dominar boa parte dos serviços oferecidos e obter grandes lucros em prejuízo dos façonistas. Após percorrem os clientes oferecendo o trabalho, eles procuram os façonistas em Americana para lhes fornecer as tarefas. Parte do lucro vai para o intermediário que não abre mão dos clientes e que inclusive pode estipular o preço mínimo para o produto, desvalorizando o trabalho do façonista.

6 — Como a grande maioria não possui prédio próprio, está sujeita a arcar com elevados aluguéis, além de sofrer aumentos frequentes de preço, condição que tem que aceitar, mesmo ciente da existência dos índices de correção, estabelecidos pelo governo federal. Acontece que geralmente o prédio do salão pertence a outro industrial, que poderá requisitá-lo para uso próprio, caso não sejam aceitas as condições por ele impostas. Recorrer à justiça seria uma solução efêmera, pois após um ou dois anos de ação, o

proprietário ganharia a causa e o façonista não teria outra alternativa senão entregar o prédio, o que lhe traria graves aborrecimentos — não teria onde colocar as máquinas pois há falta de salões na cidade. Mesmo que conseguisse outro salão, vários problemas adviriam — a mudança e nova instalação das máquinas, o descontentamento dos operários, se o novo local for muito distante, sendo comum até demissões de bons empregados nestes momentos.

7 — Quando se realizam os dissídios coletivos entre empregados e empregadores de indústria têxtil, o façonista não tem participação nas discussões, pois na verdade é simultaneamente empregado e patrão. Aprovado o aumento, ele como patrão é obrigado seguir as determinações e reajustar imediatamente os salários dos operários. Isto ocorre normalmente em meado de novembro. A esta altura não há condições de novos acordos com os fornecedores de trabalho (clientes), nem em dezembro, somente em janeiro ou fevereiro e nunca no mesmo percentual que foi dado aos operários.

Se o aumento dos operários foi de 22%, o dos serviços girará em torno de 10 a 15%, ou quando muito 20%, em duas ou três parcelas, dependendo muito do argumento do façonista. Como poucos sabem argumentar com palavras a maioria acaba sendo mais prejudicada. Entretanto, os dias de novembro (após a aprovação de aumento), o mês de dezembro e janeiro devem ser pagos aos operários de acordo com os novos salários aprovados, inclusive o 13.º salário.

Acumulam-se em janeiro as taxas de força e luz, os impostos municipais (imposto predial, água, etc.). Tudo isto geralmente coincide com o momento de férias regulamentares dos operários, o que implica numa diminuição da

produção, mesmo porque o mercado consumidor se retrai nos primeiros meses, passada a euforia das festas de fim de ano.

8 — As vezes o descuido de um tecelão não parando a tempo o tear para emendar um fio cortado, ou desfazendo trechos que apresentem defeitos, faz com que peças inteiras não sejam aceitas, o que provocará sérios aborrecimentos, como debitação do seu valor ou atraso no recebimento da produção, colocando o façonista em situação difícil perante seus empregados e outros compromissos. Geralmente isto ocorre com as indústrias de menores condições (Vieira, 1965, p. 347), pois não podendo pagar bem seus empregados, contratam operários pouco experientes, não podendo exigir perfeição no trabalho.

9 — A impossibilidade de equipar a indústria com os necessários acessórios têxteis é um outro problema. Para que a indústria possa produzir uma variedade maior de tecidos ela necessita se equipar com diferentes tipos de acessórios (pentes, cartelas, palitos, roletes, base para urdumes, canudos para espulas, etc.) materiais estes bastante onerosos. Como por exemplo: os pentes variam conforme o número para os diferentes tecidos e seu preço gira em torno de Cr\$ 300,00 a Cr\$ 600,00; as cartelas custam cerca de Cr\$ 1,00 cada, mas há desenhos que chegam a exigir 300 cartelas; os palitos das cartelas custam em média Cr\$ 15,00 a Cr\$ 20,00 o milheiro, havendo grande necessidade de se ter sempre um bom estoque, os roletes custam aproximadamente Cr\$ 550,00.

Muitas vezes o façonista não pode aceitar boas ofertas de trabalho por não estar devidamente equipado em acessórios. Outras vezes emprega grande quantia para se equipar

a fim de produzir um determinado artigo e o mesmo é logo "cortado" por qualquer razão ficando seu capital empatado.

Do exposto conclui-se que somente os façonistas maiores têm condições de equipar com regularidade e conseqüentemente absorver os artigos de maior rentabilidade como é o caso da helanca, tirelene, tergal, etc. .

No outro extremo estão os que possuem o mínimo de acessórios tendo que se limitar à produção de alpaca, cetim e outros artigos que dão pequenos rendimentos.

10 — Outro problema é a necessidade de manter um pequeno capital de giro para saldar as obrigações (recolhimento do INPS, aluguel, força e luz, etc.) e o pagamento dos empregados, porque geralmente os serviços entregues têm seu pagamento retardado por 10-15-20 dias ou então são pagos em títulos vencíveis somente no mês seguinte, obrigando muitas vezes a descontá-los com antecipação, em bancos, com prejuízo das taxas e juros cobrados.

11 — Além de todos os encargos junto aos seus empregados, à Prefeitura Municipal, à Previdência Social, ao proprietário do prédio quando este é alugado, o façonista tem a previdente necessidade de manter um seguro, não só de suas máquinas, mas também da matéria-prima e do próprio prédio que não são seus, pois um incêndio poderia destruir as máquinas levando-o à ruína total já que todo seu capital aí está empatado, destruir toda a matéria-prima cujo valor teria de ser coberto e o prédio que teria que ser reconstituído.

12 — Como o trabalho é feito para terceiros o nome de sua firma nunca aparece nos artigos, o que impede a criação de um mercado próprio.

13 — Apenas alguns têm condições de manter sua própria contabilidade. A grande maioria é obrigada recorrer a escritórios contábeis que nem sempre apresentam serviços satisfatórios, não só pelo acúmulo de trabalho, uma vez que dão assistência a dezenas e quiçá centenas de firmas, mas também pela ausência de fiscalização do feitorista pouco capacitado.

14 — A acumulação de funções a que normalmente é levado o feitorista — empregado, patrão, contra-mestre, tecelão, cobrador, etc., não lhe permite desempenhar bem nenhuma delas, além de obrigá-lo a prolongar suas horas de serviço diário e aproveitar sábados e até mesmo parte do domingo para poder ver reiniciadas normalmente as atividades de sua indústria.

Vemos pois que se acumulam as preocupações e problemas do feitorista que trabalha sempre na incerteza do dia de amanhã.

#### TENDÊNCIAS DO FEITORISMO EM AMERICANA

— Como já ocorreu em outras áreas do globo, com o desenvolvimento econômico de nosso país, o feitorismo tende a perder o papel de destaque que até agora desempenhou em Americana. Há inclusive os que preveem um desaparecimento total deste sistema a curto prazo, substituído por algumas poucas grandes empresas, como uma consequência inevitável do desenvolvimento tecnológico.

A nosso ver isto não acontecerá de imediato, podendo sim ocorrer uma retração no número de estabelecimentos, visto que os menores estão se tornando anti-econômicos. É importante lembrar que em muitos países sub-desenvolvidos

e até mesmo nos países desenvolvidos o sistema não desapareceu totalmente, como por exemplo na França, especialmente na região Lyon (Alix et Gilbert, 1956, pp. 89-91). Ocorrerão com toda certeza profundas modificações, que obrigarão a redução numérica dos estabelecimentos, tais como a introdução de máquinas automáticas no lugar dos obsoletos teares mecânicos, renovação da mentalidade e mudanças nas relações com os fornecedores, hoje tão favorecidos.

A redução do número de estabelecimentos se dará provavelmente com o desaparecimento das indústrias pequenas, exclusivamente familiares ou não, as quais não apresentam condições para a sobrevivência devido à concorrência.

É provável mesmo que em futuro bem próximo possamos falar em pequenas indústrias feçonistas para aquelas que possuam um número de teares em torno de duas a três dezenas.

A automatização do maquinário já está se verificando, pois apesar de encontrarmos na rede feçonista as mais antigas e obsoletas máquinas, algumas firmas que trabalham neste sistema já introduziram teares modernos e automáticos. Por enquanto apenas uma porcentagem insignificante de estabelecimentos (5%) possui teares automáticos, embora seja muito maior o número dos que possuem espulareiras automatizadas, existindo já caso de indústria feçonista que se dá ao luxo de possuir todas as suas máquinas automáticas.

Como o preço de uma máquina automática é bastante superior a de uma mecânica deverá haver uma auto-seleção dos feçonistas, sem que se elimine, entretanto, o tradicional sistema de trabalho.

Poderá ocorrer uma repetição do que aconteceu no início do sistema façonista, com relação à maneira de se adquirir as máquinas, com a única diferença que, em lugar de comprar algumas velhas máquinas mecânicas, todos se esforçarão para adquirir três ou quatro máquinas automáticas. Saldada a compra das primeiras, partidão para outras a fim de ampliar a indústria e equipá-la em novas bases.

Acreditamos ainda que apesar da tendência para automatização ela não será completa, nem mesmo a longo prazo, desde que há produtos, pelo menos no presente, que não podem ser produzidos com máquinas automáticas.

A união dos façonistas que parecia ser praticamente impossível dado o caráter especulativo e de concorrência existente entre eles, começa já a se tornar realidade com a criação de uma Associação ATEXFAM que provavelmente procurará reunir a todos.

A criação de um sindicato dos façonistas do qual poderiam participar não só os industriais têxteis, mas todos aqueles que desempenham funções análogas, ou seja serviços de industrialização para terceiros. Somente assim poderá o façonista se libertar da situação crítica em que se coloca quando se dão os acordos salariais entre as empresas e os operários têxteis, como vimos no capítulo anterior.

Também é possível uma modificação na estrutura do sistema façonista, deixando de ser praticamente individual, como ocorre hoje com a maioria. Deverá ocorrer com maior frequência a formação de sociedade de capital fechado objetivando reunir elementos de diferente formação para trabalhar em equipe, tendo cada um sua função específica, ao contrário do que é tão comum nos dias de hoje, quando o mesmo indivíduo desempenha as mais diversas funções.

Tal perspectiva pode parecer um tanto utópica mas a verdade é que exemplos já existem com os melhores resultados.

Outro passo, se bem que muito maior, será a união dos fezonistas e formação de uma ou mais empresas de capital aberto nas quais o fezonista participaria como acionista, mesmo que modesto, dela recebendo os serviços a feção com maior regularidade, eliminando as preocupações dos sucessivos "cortes", o atraso de reajustes de preço das tarefas, a especulação dos fornecedores, além de participar dos lucros da mesma, ainda que seja a médio e longo prazo. Seriam justamente os pequenos fezonistas que hoje enfrentam com maior intensidade os problemas próprios do sistema, e que, logicamente, correm o risco de serem os primeiros a desaparecer, os mais beneficiados.

Iniciativas como estas teriam além do sentido econômico, um sentido muito mais social, pois resguardariam o desaparecimento de centenas de indústrias, que apesar de pequenas, dão atividade a mais de duas mil pessoas, das quais provavelmente dependem outros três ou quatro mil (seus familiares) o que corresponde a aproximadamente 15% da população municipal.

Existência de um fezonismo de mais alto nível, graças à instrução que vem sendo recebida pelos descendentes dos atuais fezonistas, fato este que poderá dar novos rumos a este sistema de trabalho, provavelmente ainda dentro desta década. Já é comum se ouvir de fezonistas comentários sobre seus filhos que estudam desde contabilidade, na própria cidade, a Administração de Empresas em Campinas ou São Paulo e que dentro em breve os ajudarão na direção da indústria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estimativas realizadas por entidades da classe referentes ao ano de 1970 confirmaram ser o fezonismo a base da indústria têxtil de Americana.

Das 596 indústrias têxteis que pagaram naquele ano taxa de licença para funcionamento, junto à Prefeitura Municipal, 456 declararam-se fezonistas, totalizando mais de 5.500 teares com uma produção média mensal em torno de seis milhões de metros de tecidos de variados tipos, o que equivale a cerca de 50% da produção da cidade. Algumas grandes firmas têm tido um grande desenvolvimento às custas do trabalho a feção. O melhor exemplo é a Têxtil Elizabeth, cuja matriz se transferiu recentemente para o bairro São Vito e que trabalha com cerca de 1.000 teares a feção.

Pela maneira como desenvolve suas atividades, o fezonismo é antes de mais nada uma indústria de poupança, pois os ganhos são limitados dando quase que unicamente para cobrir os gastos gerais, sendo seu verdadeiro lucro o valor amortizado das máquinas. Indústria bastante instável como conseqüência imediata dos problemas que a rodeiam, poderá ter seus dias contados, em função do desenvolvimento econômico do país, se permanecer individualizada, especialmente os pequenos e médios estabelecimentos. A união em torno de uma empresa que lhes garanta serviço, como abordamos no capítulo anterior, poderá ser um meio de sobrevivência.

Iniciativas como estas (criação de empresas pelos fezonistas) deveriam merecer o apóio das autoridades, especialmente no âmbito municipal, não só pelo lado social, mas porque será uma maneira de evitar a evasão de rendas que se dá através de serviços realizados pelos fezonistas para firmas localizadas fora do município, já que os primeiros

estão isentos do IPI e ICM que no caso da existência de empresas se previnissessem com antecipação a fim de evitar a que como se sabe, arrecada em função do retorno do ICM recolhido.

Seria, entretanto, necessário que os participantes destas empresas se previnissessem com antecipação a fim de evitar a possibilidade de uns poucos, ou uma só família dominar através de aquisição da maior parte das ações ordinárias, pois isto resultaria fatalmente no esfacelamento da empresa. Experiências anteriores, na própria cidade, comprovam este ponto de vista. Por duas vezes os pequenos e médios industriais têxteis se reuniram e criaram uma grande indústria — Cia. Industrial de Tecidos e Rayon de Americana (CITRA) em 1941 e a Distribuidora de Tecidos Rayon de Americana (DISTRAL) em 1944. Economicamente estas duas progrediram sendo hoje importantes estabelecimentos têxteis da cidade, entretanto, falharam no ponto-de-vista social, pois acabariam ficando, cada uma delas, sob o controle de uma família, retornando a quase totalidade de seus iniciadores a montar suas pequenas e médias indústrias individuais.

É também necessário, não só os façonistas mas toda a classe têxtil, começar a se preparar para enfrentar a nova frente de trabalho que começa se abrir com o início das atividades de grandes empresas industriais que estão se instalando na cidade (Polyquímica S. A., Good Year do Brasil S. A. e Outros). A maneira mais lógica para se enfrentar esta situação nova de concorrência e mão-de-obra será a preparação do elemento humano especializado no ramo têxtil, através de cursos técnicos de nível médio que dêem ao trabalhador de hoje melhores garantias

para o dia de amanhã dentro da própria indústria têxtil. Paralelamente a estes cursos de nível médio, seria recomendável o funcionamento de uma Escola de Nível Superior com cursos voltados para a tecelagem a fim de formar técnicos de nível universitário, que em breve dariam novos rumos à indústria.

Este aperfeiçoamento nos diferentes níveis daria condições, a médio prazo, de implantar-se o sistema de cooperativismo, sistema este que tem sido defendido por muitos especialistas que visitam ou estagiam nas indústrias têxteis de Americana como única solução para se manter e desenvolver o parque industrial têxtil que aí se formou.

Convém ressaltar no final destas considerações que o fenômeno de façõnismo não é exclusivo da cidade de Americana. O fato de nos preocuparmos com o estudo deste sistema de trabalho em Americana não significa ignorarmos a existência do mesmo em outras cidades, como Santa Bárbara do Oeste, Nova Odessa, Sorocaba, Cosmópolis, Sumaré, Indaituba, Itu, Salto, Elias Fausto etc., entretanto a expressão de Americana, neste tipo de industrialização, nos ofereceu volume mais do que suficiente de dados e informações para chegarmos ao conhecimento do sistema em si e avaliarmos o papel de sua participação na indústria têxtil paulista.

Resta aguardar outras pesquisas sobre o assunto, envolvendo especificamente as cidades acima citadas, para que possamos ter uma idéia de conjunto do que realmente representa o façõnismo no Estado de São Paulo.

## BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

- ALLIX, André et GILBERT, André — **Géographie des Textiles**. Paris, Librairie de Médicis, 1966.
- AUGÉ, Paul — **Larousse du XX<sup>o</sup> siècle**. Paris, Librairie Larousse, Tome Troisième, 1930.
- BANDEIRA JÚNIOR, A. Francisco — **A indústria no Estado de São Paulo, em 1901**. São Paulo, Tipografia Diário Oficial, 1901.
- BARBOSA, Ignês Costa - Distribuição Regional da atividade industrial, in **Grande Região Sul**, Rio de Janeiro, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, p. 209-236, 1962. (Biblioteca Geográfica Brasileira, Tomo II, vol. IV).
- BRYAN, Abílio Serra — **Americana: sua história**. Americana, Gráfica São Benedito, 1967.
- CALDEIRA, João Neto — **Município de Villa Americana**. São Paulo, Irmãos Ferraz, 1930. (As nossas riquezas, 7).
- CAMARGO, J. F. — **A cidade e o campo: êxodo rural no Brasil**. São Paulo, Editora Nacional 1968. (Coleção Buriti, 20).
- CANNABRAVA, Alice Piffer - **O desenvolvimento da cultura algodoeira no Estado de São Paulo**. (1861 - 1875). São Paulo, 1951 (Tese de Concurso, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, Universidade de São Paulo).
- DAVIDOVICH, Fany — Aspectos geográficos de um centro industrial: Jundiaí em 1962. **Revista Brasileira de Geografia**, Ano XVIII n.º 4, p. 329 - 374, Rio de Janeiro, 1966.
- DAVIDOVICH, Fany - Indústria, in **Novo Paisagens do Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, p. 158-175, 1968.
- DIÈGUES JÚNIOR, Manuel — **Imigração, Urbanização, Industrialização**. Rio de Janeiro, INEP, Ministério de Educação e Cultura, 1964.
- ERICH, Paulo — Panorama e alternativas da indústria têxtil. **Indústria e Produtividade** n.º 1, p. 38-42, São Paulo, 1968.
- FREITAS, Sebastião — A conjuntura têxtil em 1963. **Brasil têxtil**, n.ºs. 5/6, p. 11 - 16, São Paulo, 1964

- GEIGER, P. P. e DAVIDOVICH, Fany — Estudos para a Geografia da indústria no Brasil Sudeste. **Revista Brasileira de Geografia**, Ano XXV, n.º 2, p. 3 - 114, Rio de Janeiro, 1963.
- HENDERSON, Raymond E. — **A indústria têxtil no Brasil**. São Paulo, edição mimeografada, 1967. (Palestra realizada no Sindicato de Fiação e Tecelagem).
- JOBIM, José — **História das indústrias têxteis no Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1941.
- JONES, Judith MacKnight — **Soldado Descansa! Uma epopéia norte americana sob os céus do Brasil**. São Paulo, Editora Jarde, 1967.
- LIMA, Heitor Ferreira — **Evolução Industrial de S. Paulo**. São Paulo Livraria Martins Editora, 1954.
- MATTOS, Dirceu Lino de — Os fatores da industrialização de São Paulo. **Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, tomo I, vol IX, p. 261 - 285, São Paulo, 1955.
- MAMIGONIAN, Armen — Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, Ano XXVIII, n.º 3, p. 389 - 481, Rio de Janeiro, 1965.
- MANTOVANI, Romeu — **Americana ilustrada**. Ano 1, n.º 2, Americana, 1948.
- PEREIRA, José Carlos — **Estrutura e expansão da indústria em São Paulo**. São Paulo, Ed. Nac., 1967 (Coleção Biblioteca Universitária, Ciência Sociais, série 2 a 9).
- PETRONE, Pasquale — As indústrias paulistanas e os fatores de sua expansão, **Boletim Paulista de Geografia** n.º 14, p. 26 - 37, São Paulo, 1963.
- SCHLESINGER, Hugo — **Geografia Industrial do Brasil**. São Paulo, Editora Atlas, 1958.
- SIMONSEN, Roberto — **A evolução industrial do Brasil**, São Paulo, CIESP, 1939
- SODRÉ, Nelson Werneck — História da Indústria em São Paulo, **Observador Econômico e Financeiro**, ano XII, n.ºs 141, 142, 143 e 144, Rio de Janeiro, 1947 - 48.
- STRAUCH, Barbosa e Herods — As atividades industriais, in **Grande Região Sul**, Rio de Janeiro, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, p. 188 - 236, 1962. (Biblioteca Geográfica Brasileira, tomo II, vol. IV).
- TROPPEMAIR, Helmut — Contribuição ao estudo da indústria têxtil de Americana. **Boletim Paulista de Geografia**, n.ºs 43, p. 59 - 82, São Paulo, 1966.

VIEIRA, Dorival Teixeira — **Pequenas e Médias Indústrias Têxteis.** São Paulo, Programa Delft, Fac. de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, 1968, 3v.

VITA, Luiz Washington — A industrialização em São Paulo, in **São Paulo, espírito, povo e instituições**, São Paulo, Editora Pioneira, p. 189 - 201, 1968.

#### **Trabalhos sem indicação expressa do autor**

ASPLAN — **Americana** — Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado. São Paulo, ASPLAN, 1970.

BANAS INFORMA — Futuro dos têxteis nos quadros da ALALC, n.ºs 18 - 19, São Paulo, 1964.

BANAS INFORMA — Diagnóstico da indústria têxtil no Brasil, n.ºs 17 - 19, São Paulo - 1969.

CEPAL — Brasil. La industria en América Latina, Nueva York, Naciones Unidas, vol. II, 1963.

CEPAL — Le industrie têxtil en Americana Latina. Nueva York, Naciones Unidas, 1968. (Informe Regional, 12).

**CONJUNTURA ECONÔMICA** — Situação das diferentes indústrias com destaque para a têxtil, Ano 22, Rio de Janeiro, 1968.

**INDÚSTRIA E DESENVOLVIMENTO** — Indústria de Fiação e Tecelagem - Análise Setorial, ano 7, n.º 2, p. 5 a 12, 1969.

**INDÚSTRIA E PRODUTIVIDADE** — Medição da Produtividade na Indústria Têxtil, Ano 7, n.º 1, p. 32 - 47, São Paulo, 1968.

**OBSERVADOR ECONÔMICO FINANCEIRO** — A crise têxtil, ano XXI, n.º 250, p. 5 - 10, Rio de Janeiro, 1956.

**REVISTA TÊXTIL** — Suplementos Especiais da FIDAM, São Paulo, 1961 - 1971.

**VISÃO** — Americana trabalha em casa. vol. 20, n.º 4, p. 20 - 22, São Paulo, 1962

**VISÃO** — A crise da indústria têxtil, vol. 29 — n.º 19, p. 15 - 19 — São Paulo, 1966.

#### **JORNAIS DE AMERICANA**

- O LIBERAL
- O COMBATE

#### **FONTES DE DADOS ESTATÍSTICOS**

Departamento de Estatística do Estado de São Paulo - Cadastro Industrial Brasileiro de Geografia e Estatística-Agência de Americana.

INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DE SAO PAULO  
EDIFÍCIO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA  
CIDADE UNIVERSITÁRIA "ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA"  
Caixa Postal N.º 20.715  
01000 — São Paulo, S.P. — Brasil

Esse documento faz parte do acervo do



e está sendo disponibilizado gratuitamente

Clique e fale com a gente



Entre em contato

Ajude no nosso  
trabalho

Seja um amigo da  
História de  
Americana